UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO E DOUTORADO)

FERNANDA RAMOS DE CARVALHO

A REPRESENTAÇÃO DA ESCRAVIDÃO NA SÉRIE *HARRY POTTER*: UMA ANÁLISE INTERSEMIÓTICA

MARINGÁ – PR
2017

FERNANDA RAMOS DE CARVALHO

A REPRESENTAÇÃO DA ESCRAVIDÃO NA SÉRIE *HARRY POTTER*: UMA ANÁLISE INTERSEMIÓTICA

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Profª. Drª. Vera Helena Gomes Wielewicki.

MARINGÁ – PR

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

Carvalho, Fernanda Ramos de
C331r A representação da escravidão na série Harry Potter : uma análise intersemiótica / Fernanda Ramos de Carvalho. -- Maringá, 2017.
89 f. : il. color., figs., tab.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Vera Helena Gomes Wielewicki.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017.

1. Multiculturalismo - Harry Potter. 2. Multiculturalismo - Racismo. 3. Multiculturalismo - Escravidão. 4. Harry Potter - Análise intersemiótica. I. Wielewicki, Vera Helena Gomes, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 21.ed. 801.95

AMMA-003439

FERNANDA RAMOS DE CARVALHO

A REPRESENTAÇÃO DA ESCRAVIDÃO NA SÉRIE *HARRY POTTER*: UMA ANÁLISE INTERSEMIÓTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Literários**.

Aprovada em **02 de maio de 2017.**

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Drª. Vera Helena Gomes Wielewicki
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -

_____

Profª. Drª. Alba Krishna Topan Feldman
Universidade Estadual de Maringá – UEM

_____

Prof. Dr. Alvaro Luiz Hattnher
Universidade Estadual Paulista – UNESP
São José do Rio Preto – SP

Dedico este trabalho
à minha mãe, por acreditar.

Ao Tim, sempre comigo.

AGRADECIMENTOS

À Capes, pela concessão do apoio financeiro;

À Profª. Drª. Vera Wielewicki, pela paciência, auxílio e apoio em todo processo da orientação;

Aos membros da banca examinadora, Profª. Drª. Alba Feldman e Prof. Dr. Alvaro Hattnher, pelas dicas preciosas e o carinho com que avaliaram meu trabalho;

À Profª. Drª. Sonia Monnerat, pela valiosa contribuição no meu processo de amadurecimento acadêmico ao orientar minhas leituras iniciais em literatura infanto-juvenil;

Ao Prof. Dr. Mário Feijó, colega de Hogwarts, pela atenciosa ajuda e dicas de leitura, o que me levou à concretização dessa dissertação;

Ao corpo docente do PLE UEM (Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá), pela contribuição acadêmica;

A todos os amigos que me disponibilizaram material para um aprofundamento teórico.

E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar?

– José Saramago

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo uma análise intersemiótica (composta pelos livros e filmes) da obra *Harry Potter*, de J. K. Rowling, quanto à situação racista e escravocrata a que os elfos domésticos são submetidos. Enquanto os livros da série problematizam questões multiculturais como a hierarquização social, a diversidade e a diferença, e as relações de poder, há a deliberada exclusão da escravidão dos elfos domésticos nas adaptações fílmicas. Isso demonstra não apenas o poder da cultura dominante, mas como as questões raciais ainda são vistas como um tema menor. A pesquisa focou-se no multiculturalismo, usando como embasamento teórico Schwarcz (1993), Steinberg (2009) e Silva (2014), e nas multimodalidades, fazendo uso dos trabalhos principalmente de Kress & Van Leeuwen (1996; 2001). Por fim, observa-se que uma análise intersemiótica amplia a discussão crítica, pois ao englobar as duas mídias (livros e filmes) na construção de sentido da série há uma percepção maior da hierarquização social, da manutenção de poder e dos discursos que afirmam e reafirmam a cultura dominante.

PALAVRAS-CHAVE: *Harry Potter*; multiculturalismo; análise intersemiótica.

ABSTRACT

This work aims an intersemiotic analysis (based on the books and movies) of the *Harry Potter* series, by J. K. Rowling, concerning the racist and slavish situation house-elves are forced to live under. While the books instigate multicultural discussions, such as diversity and power relations, there is a deliberate exclusion of the house-elves' slavery from the movies. That evidences not only the power of dominant culture, but also how the media still underrate race debate. This research has focused on multiculturalism using a theoretical framework based on Schwarcz (1993), Steinberg (2009) and Silva (2014), and on multimodality, making use of the works mainly by Kress & Van Leeuwen (1996; 2001). It is possible to notice that an intersemiotic analysis expands critical discussions, because when the two media (books and movies) are taken into consideration in the process of meaning making regarding the series, the understanding of social hierarchy, of power maintenance and of the discourse reinforcing dominant culture becomes clearer.

KEY-WORDS: *Harry Potter*; multiculturalism; intersemiotic analysis.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Ministério da Magia 56

Imagem 2 – Primeira aparição de Dobby 59

Imagem 3 – Paleta de cores da imagem 2 60

Imagem 4 – Dobby chorando 61

Imagem 5 – Paleta de cores da imagem 4 61

Imagem 6 – Rony sendo estrangulado 62

Imagem 7 – Paleta de cores da imagem 6 62

Imagem 8 – Pottermore 63

Imagem 9 – Primeira aparição de Monstro 65

Imagem 10 – Paleta de cores da imagem 9 65

Imagem 11 – Segunda aparição de Monstro 66

Imagem 12 – Dobby 67

Imagem 13 – Dobby morrendo (figura 1) 68

Imagem 14 – Dobby morrendo (figura 2) 69

Imagem 15 – cena do beijo 70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Banco de teses da Capes 15-17

SUMÁRIO

1 *ALORROMORA*: ANTES DA INTRODUÇÃO, UMA APRESENTAÇÃO 12

***LUMUS* (INTRODUÇÃO) 14**

2 *ENERVATE*: ABRINDO OS OLHOS PARA A ESCRAVIDÃO E O RACISMO 20

2.1 RACISMO E ESCRAVIDÃO 20

2.2 UMA PEDAGOGIA MULTICULTURAL 25

3 *APARECIUM*: TORNANDO VISÍVEL O INVISÍVEL 29

3.1 ESTRUTURAÇÃO DA NARRATIVA 30

3.2 MAGIA E PODER NOS LIVROS 31

3.3 OS ELFOS DOMÉSTICOS NOS LIVROS 34

3.3.1 UM DISCURSO HIERARQUIZANTE 38

3.4 ELFOS DOMÉSTICOS E A SOCIEDADE BRITÂNICA 49

4 *EVANESCO*: O DESAPARECIMENTO DAS QUESTÕES MULTICULTURAIS ... 53

4.1 ADAPTAÇÃO OU TRADUÇÃO? 54

4.2 MAGIA E PODER NOS FILMES 55

4.3 OS ELFOS DOMÉSTICOS NOS FILMES 58

4.4 INDÚSTRIA CULTURAL 71

***NOX* (CONSIDERAÇÕES FINAIS) 76**

***ACCIO* REFERÊNCIAS 79**

***ACCIO* VÍDEOS 88**

***PRIOR INCANTATO* (ANEXO) 89**

1 *ALORROMORA*[1]: ANTES DA INTRODUÇÃO, UMA APRESENTAÇÃO

Emocionante, não é? Quebrar as regras!

Hermione Granger no filme *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2007).

Em um lugar tão pacato quanto a rua dos Alfeneiros morava uma garota que adorava estórias. Talvez esse fato se deva principalmente porque lá todos eram "perfeitamente normais, muito bem, obrigado", e sendo assim não havia magia, bruxos, dragões, livrarias e nem uma biblioteca pública. Era basicamente um lugar sem muito espaço para livros e imaginação.

Como cresceu nessa cidadezinha do interior, a menina só tinha acesso aos livros da estante de sua casa – e devemos dizer que eles não eram muito apropriados à sua idade. Aos doze anos ela já havia se familiarizado com *Lolita*, de Vladimir Nabokov; *O Ateneu*, de Raul Pompéia; *Eu, Christiane F., treze anos, drogada, prostituída*, de Kai Hermann; inúmeras obras de Machado de Assis, e estava tendo um caso de amor e ódio com *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, que achava completamente fantástico mesmo sem entender absolutamente nada (são oito mil oitocentos e dezesseis versos, mas ela tinha muito tempo livre). Foi então que lhe apresentaram o primeiro livro da série *Harry Potter*, de J. K. Rowling, e ela adorou, pois dialogava exatamente com o seu mundo e modo de pensar.

Na escola essa garota questionou o seu professor quanto à razão de eles não lerem livros "tão legais assim" e ouviu pela primeira vez a frase "Isso não é literatura!" dita desta forma, sem maiores explicações, o que a deixou indignada, afinal, como não era literatura se era um livro e ela gostava de lê-lo? Aliás, ela até diria que gostava mais de *Harry Potter* do que de toda a obra de Machado de Assis se alguém lhe perguntasse.

Mesmo sem a aprovação da instituição escolar essa menina continuou lendo a série ao longo dos dez anos em que foi publicada e a cada volume e releitura ela ficava mais e mais fascinada com tudo que se escondia nas entrelinhas. Por fim, acabou mudando de cidade e indo para uma metrópole fazer graduação em Letras e descobriu que esse seu pensamento também não era compartilhado pelos

[1] *Alorromora* é o feitiço usado para destrancar portas (ROWLING, 2000a).

professores da instituição de ensino superior, que davam a mesma resposta, sem nenhuma fundamentação teórica: "*Harry Potter* não é Literatura!".

Alguns anos, uma Especialização em Literatura Infanto-juvenil e muitas críticas depois, essa dissertação é um pouco da inquietação que essa menina teve desde os seus doze anos de idade misturada a muitas outras leituras, questionamentos e problematizações.

LUMUS[2] (INTRODUÇÃO)

> Ele vai ser famoso, uma lenda. Eu não me surpreenderia se o dia de hoje ficasse conhecido no futuro como o dia de Harry Potter. Vão escrever livros sobre Harry. Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele!
>
> *Harry Potter e a pedra filosofal*, p. 17.

Esta dissertação busca analisar a situação racista e escravocrata a que os elfos domésticos são submetidos na narrativa da série *Harry Potter*, escrita por J. K. Rowling, e na sua transposição para o cinema, estando vinculada ao projeto de pesquisa "Literatura e Multiletramentos: Diferentes Epistemologias para uma Proposta de Educação Pluralista" coordenado pela professora Dr.ª Vera Helena Gomes Wielewicki. A pesquisa está inserida na área de Estudos Literários do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, na linha de pesquisa Campo Literário e Formação do Leitor.

Harry Potter – desde 1997 esse nome remete toda uma geração de leitores à história do menino órfão de óculos redondos e cicatriz em forma de raio, que ao se descobrir bruxo ganhou não só uma nova vida repleta de aventuras, mas também responsabilidades “de gente grande”.

A série de J. K. Rowling[3], composta por sete livros[4], transformou-se em fenômeno mundial e foi adaptada em oito filmes (o último livro foi dividido em duas películas) que viraram sucesso de bilheteria nos cinemas, sendo uma obra que fez parte do letramento[5] de toda uma geração.

---

[2] *Lumus* é o feitiço usado para projetar uma luz na ponta da varinha (ROWLING, 2000c).

[3] O nome de batismo de J. K. Rowling é Joanne Rowling. O pseudônimo foi sugerido por seu editor, Barry Cunningham, que achou que meninos não se interessariam por um livro escrito por uma mulher. Rowling, então, escolheu “K” para “Kathleen”, o nome de sua avó paterna. Informação disponível online em: http://www.jkrowling.com/pt_BR/#/linha-do-tempo/pseudonimo. Último acesso em 18 de setembro de 2016 às 01h18.

[4] Ao longo desta pesquisa, ao mencionar a série *Harry Potter*, referimo-nos aos livros *Harry Potter e a pedra filosofal*, *Harry Potter e a câmara secreta*, *Harry Potter e o prisioneiro de Askaban*, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, *Harry Potter e o enigma do Príncipe* e *Harry Potter e as Relíquias da Morte*.

[5] Entende-se por letramento “o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos envolvem seu contexto social.” (SOARES, 2009, p. 72).

No dia 18 de setembro de 2016 foi realizada uma pesquisa no Banco de Teses da Capes com a busca pelo termo “Harry Potter” para verificar os estudos já realizados referentes à série, cujos resultados encontram-se a seguir:

Tabela 1 – Banco de Teses da Capes (continua)

Autor (a)	**Título**	**Área de conhecimento**	**Instituição/ Ano**
CRUZ, Osilene Maria de Sá e Silva da.	*Harry Potter and the Chamber of Secrets e sua Tradução para o Português do Brasil: uma análise dos verbos de elocução, com base na lingüística sistêmica e nos estudos de corpora*	Estudos Linguísticos	UFMG/ 2003 (Mestrado)
TARRICONE, Katia	*A literatura e a escola contemporânea: uma análise desta instituição sob a ótica de jovens leitores de Harry Potter.*	Educação (Psicologia da Educação)	PUC-SP/ 2003 (Mestrado)
CONDE, Adriana Carvalho	*A Tradução do Imaginário: o complexo língua-cultura em Harry Potter e a Pedra Filosofal*	Letras	UNESP-Assis-SP/ 2005 (Mestrado)
FOSSATTI, Carolina Lanner	*A Comunicação Cinematográfica: Uma perspectiva moderna de Branca de Neve e pós-moderna em Harry Potter*	Comunicação Social	PUC-RS/ 2005 (Mestrado)
PELISOLI, Ana Claudia Munari Domingos	*Harry Potter: um chamado ao leitor*	Linguística e Letras	PUC-RS/ 2006 (Mestrado)
PITTA, Patricia Indiara Magero	*A literatura infantil no contexto cultural da pós-modernidade: o caso Harry Potter*	Linguística e Letras	PUC-RS/ 2006 (Doutorado)
LIGNANI, Ângela Maria de Oliveira	*J.K. Rowling: diálogo literário e cultural com Monteiro Lobato e Isabel Allende*	Literatura Comparada	UFMG/ 2007 (Doutorado)
FARIA, Paula Soares	*The journey of the villain in the Harry Potter series: an archetypal study of fantasy villains*	Estudos Literários	UFMG/ 2008 (Mestrado)
AMORIN, Elaine Cristina	*Leitores e leituras de Harry Potter: a recepção da série no meio virtual*	Estudos Literários	UEM/ 2009 (Mestrado)
PEIXE, Letícia de Souza	*Harry Potter e a Pedra da Narrativa*	Estudos Linguísticos	UFMG/ 2009 (Mestrado)
PERES, Josy Cristina Alves Beijo	*Leitura e consumo: as outras mágicas de Harry Potter*	Estudos de Linguagens	UFMS/ 2009 (Mestrado)

NUNES, Lisia Cristina Paiva	*What do you see? Revaluation of Standards and the Harry Potter Saga*	Letras	UFRS/ 2010 (Mestrado)
SANTOS, Caroline Reis Vieira	*A tradução da fala do personagem Hagrid para o português brasileiro e português europeu no livro Harry Potter e a Pedra Filosofal: um estudo baseado em corpus.*	Estudos da Tradução	UFSC/ 2010 (Mestrado)
MOURA, Juliane de Souza Nunes de.	*Indo ao encontro da literatura: uma proposta de trabalho com a série Harry Potter*	Linguística e Letras	PUC-RS/ 2011 (Mestrado)
PELISOLI, Ana Claudia Munari Domingos	*Do leitor invisível ao hiperleitor: uma teoria a partir de Harry Potter*	Linguística e Letras	PUC-RS/ 2011 (Doutorado)
VARGAS, Maria Lúcia Bandeira	*Slash: a fan fiction homoerótica no fandom potteriano brasileiro*	Linguística e Letras	PUC-RS/ 2011 (Doutorado)
BEZERRA, Diego Nunes	*A reprogramação da saga Harry Potter: leitura das enunciações mágicas do herói decadente*	Literatura e Crítica Literária	PUC-SP/ 2012 (Mestrado)
VIANA, Luciane Pereira	*O imperativo do consumo na obra 'Harry Potter': o encontro da cultura da convergência e a juventude contemporânea.*	Processos e Manifestações Culturais	FEEVALE/ 2012 (Mestrado)
SILVA, Camilla Almeida Cruzal Da	*Tradição e Inovação: uma análise da popularidade das fanfictions de Harry Potter*	Comunicação	UERJ/ 2013 (Mestrado)
SILVA, Luiza Tropia	*A formação do leitor literário: um estudo de caso com leitores de Harry Potter*	Educação	UFMG/ 2013 (Mestrado)
BARROS, Janayna	*Transpondo sentidos em Harry Potter: midiatização e narrativa transmidiática no portal Pottermore*	Comunicação	UFSM/ 2014 (Mestrado)
FILHO, Edu Fernandes Lima Jacques	*Fãs no paradigma da midiatização: Casos de dispositivos em torno de Harry Potter*	Ciências da Comunicação	Unisinos/ 2014 (Mestrado)
SANTOS, Caroline Reis Vieira	*Tradução de gírias em Harry Potter: um estudo com base em corpus*	Estudos da Tradução	UFSC/ 2014 (Doutorado)
VALIM, Julio Pancracio	*Mito, Arte e Educação: o imaginário em Harry Potter*	Educação	USP/ 2014 (Mestrado)
CAMPOS, Roberto Rodrigues	*Harry Potter e a institucionalização de um fenômeno cultural convergente.*	Estudo de Linguagens	UNEB/ 2015 (Mestrado)
HENRIQUES, Marco Polo	*De Hogwarts a Paraisópolis: discurso e recepção da obra*	Ciências da	USP/ 2015

Ribeiro	*Harry Potter em um contexto de capitalismo periférico*	Comunicação	(Mestrado)
REIS, Beatriz Costa	*Fanfiction de Harry Potter no Brasil: o desenvolvimento da produção do gênero por autores brasileiros*	Letras	UNESP-SJR. PRETO/ 2015 (mestrado)
SANSEVERINO, Gabriela Gruszynski	*As representações do jornalismo na ficção de Harry Potter transmídia: a função social e o ethos profissional*	Comunicação e Informação	UFRS/ 2015 (Mestrado)

Fonte: http://bancodeteses.capes.gov.br/

Apesar de haver duas dissertações concluídas em 2003 que abordam *Harry Potter* como *corpus*, foi a partir de 2005 que a obra tornou-se mais recorrente em trabalhos acadêmicos. Ainda, as pesquisas englobam distintas áreas de conhecimento, sendo o tema das *fanfictions* e da cultura participativa predominante entre as análises dedicadas à literatura, bem como a relação da série com o cânone literário.

Como os livros de Rowling não se enquadram na "Grande Literatura", inicialmente houve muitas críticas depreciativas por parte da Academia quanto ao estudo dessa obra considerada "literatura de massa". Desde então muito já foi discutido acerca do valor literário da série e é preciso elucidar que esse não será o foco desta análise, mas sim uma apreciação crítica e multimodal quanto ao tema do racismo e da escravidão abordado através dos elfos domésticos na narrativa. Dentre os trabalhos já realizados, Campos (2015) menciona as adaptações cinematográficas de *Harry Potter* em sua pesquisa, mas as trata como fenômeno cultural, não havendo qualquer outra análise, até o momento, que se aproxime da proposta desta.

Ainda, vale destacar o livro *Harry Potter: desmistificando o mito da mulher-bruxa*, de Amorin (2012), que analisa o papel da mulher bruxa na obra potteriana, desmistificando a visão estereotipada da mulher maléfica; em sua obra, Amorin dedica alguns parágrafos à questão dos elfos domésticos, comparando a luta de Hermione Granger pela liberação dos elfos à das primeiras feministas.

A relevância deste trabalho não se deve apenas ao fato da série *Harry Potter* ter feito parte da formação literária de milhares de crianças, jovens e adultos, mas

principalmente por analisar uma narrativa poderosa, que consegue abarcar relações de poder e diversidade. Além disso, como os livros de Rowling foram adaptados para outras mídias, como o cinema, jogos de computador e videogame, e *website* oficial interativo, há a possibilidade de investigar como a questão do racismo e da escravidão foi representada nessas transposições.

A fim de delimitar o *corpus*, o presente trabalho abordará apenas duas mídias – livros e filmes – e pretende comparar a abordagem do tema do racismo e suas implicações nessas duas semioses, não havendo uma disputa de valor entre elas, visto que cada uma tem suas especificidades e elas podem possuir públicos distintos.

Para a análise do *corpus* mencionado foi feita uma pesquisa pura (teórica) sobre multimodalidade e multiculturalismo, bem como os discursos envoltos na hierarquização social. É pertinente dizer que a série *Harry Potter* não é literatura multicultural, mas possibilita o debate de questões multiculturais, e por isso foi usada para tal apreciação.

A justificativa para esta pesquisa reside no fato de ser um novo olhar sobre a série de Rowling, abordando a temática do racismo e da escravidão nas obras impressas e nos filmes, e problematizando as relações de poder, a forma como elas são expressas, as implicações presentes nas mudanças na transposição narrativa e os discursos envoltos nelas. Assim, tem-se uma proposta de leitura crítica que pode inspirar não só educadores nas suas práticas em sala de aula, mas futuras pesquisas acerca da educação literária e de leitura em diferentes materialidades.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. O primeiro, anterior à introdução, é dedicado a uma breve apresentação da autora desta pesquisa e sua relação com o *corpus* escolhido.

O segundo capítulo, intitulado *Enervate: abrindo os olhos para a escravidão e o racismo*, problematiza a construção do racismo, sua relação com a escravidão, para então pensar na sua atual presença na sociedade, sua transposição para a literatura e a importância de um ensino multicultural na quebra de estereótipos. Para tal, fez-se uso de um referencial teórico composto principalmente por Schwarcz (1993), Steinberg (2009) e Silva (2014).

O terceiro capítulo, *Aparecium: tornando visível o invisível*, foi dividido em subcapítulos a fim de analisar, primeiramente, a construção narrativa da série *Harry*

Potter e do mundo mágico que ela apresenta, e por fim a figura dos elfos domésticos, a forma como eles são retratados e como o discurso auxilia na manutenção do preconceito. Ainda, há um breve paralelo entre a estruturação social do mundo fictício de *Harry Potter* e a sociedade britânica a partir dos trabalhos de Hall (2003) e Aleixo (2011).

Seguindo a apreciação, *Evanesco: o desaparecimento das questões multiculturais*, quarto e último capítulo da pesquisa, visa uma análise intersemiótica considerando os livros mencionados previamente e as adaptações fílmicas no que diz respeito à transposição dos elfos domésticos; e finalmente tem-se a relação entre as multimodalidades e a indústria cultural. Para tal, os trabalhos de Said (2002) e Hutcheon (2011) foram usados como referencial teórico.

Como a análise dar-se-á em língua portuguesa, optou-se pelo uso da série *Harry Potter* traduzida por Lia Wyler publicada no Brasil em detrimento do texto escrito por Rowling originalmente publicado em língua inglesa.

2 *ENERVATE*[6]: ABRINDO OS OLHOS PARA A ESCRAVIDÃO E O RACISMO

Ousa falar o nome dele? Seu mestiço imundo!

Belatriz Lestrange no filme *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2007).

O presente capítulo aborda primeiramente a construção do racismo, sua relação com a escravidão, e como ele ainda está presente nos dias atuais; então, observa-se como a questão é retratada na literatura e a importância de uma pedagogia multicultural.

Ao pensar na força de trabalho existente da Antiguidade é comum encontrá-la simplificada e dividida em três categorias de trabalhadores: livres, servos e escravos, sendo os escravos uma propriedade que podia ser comprada, vendida e alugada, pertencentes a um *status* inferior (CARDOSO, 2003).

Porém, embora a concepção de escravo não tenha sofrido modificações, a estrutura social na Antiguidade é variável e muda de acordo com períodos e regiões – no Egito, por exemplo, pessoas livres poderiam ser encarceradas na prisão local para um período de trabalho compulsório; ou os servos russos, que poderiam ser vendidos (CARDOSO, 2003) –, o que faz com que haja uma distinção mais branda entre as categorias de trabalhadores. Assim, para uma melhor compreensão e análise, optou-se por abordar aqui a escravidão moderna a partir da colonização e sua relação com o racismo.

2.1 RACISMO E ESCRAVIDÃO

Racismo e preconceito racial estão intimamente ligados à escravidão de uma forma que não é possível separá-los completamente. Davidson (1994 apud

[6] *Enervate* é o feitiço usado para “acordar” uma pessoa, fazê-la retomar a consciência (ROWLING, 2001a).

ASHCROFT et al, 2007, p. 196)[7] aponta conceitos-chave para o estudos pós-coloniais, e afirma que “a escravidão deu à luz o racismo, pelo menos na sua forma moderna, assim como o racismo foi a desculpa para os excessos da escravidão.” [tradução livre]; logo, faz-se necessário discutir ambos.

Segundo Cardoso (1995, p. 85),

> Na tradição ocidental, tanto antiga quanto colonial, definia-se o escravo através de três características básicas: 1) sua pessoa era propriedade de outrem; 2) sua vontade estava subordinada à autoridade do seu dono; 3) seu trabalho era obtido mediante coação. A condição do escravo era hereditária e a propriedade sobre ele transmissível. Apesar de sua incapacidade jurídica, não era incapaz plenamente: pelo contrário, a tortura e os mais duros castigos eram-lhe reservados pela legislação.

Deste modo, a hierarquização entre indivíduos era bem demarcada entre senhores e escravos, e a diferença social não estava na cor de pele, mas era hereditária ou originária de guerras, em que prisioneiros eram transformados em escravos.

Com o advento do colonialismo, a Igreja foi grande incentivadora econômica do empreendimento escravista africano e havia a necessidade de justificar as ações da escravidão biblicamente. Embora a tradição cristã afirme que todos os seres humanos vieram de uma descendência comum – Adão e Eva –, sendo assim iguais perante Deus, na época das colonizações recorreu-se à passagem bíblica em que Cam, seu filho Canaã e toda sua descendência foram amaldiçoados por Noé:

> Cam, pai de Canaã, viu a nudez do pai e foi contar aos dois irmãos que estavam do lado de fora. Mas Sem e Jafé pegaram a capa, levantaram-na sobre os ombros e, andando de costas para não verem a nudez do pai, cobriram-no. Quando Noé acordou do efeito do vinho e descobriu o que seu filho caçula lhe havia feito, disse: "Maldito seja Canaã! Escravo de escravos será para os seus irmãos". Disse ainda: "Bendito seja o Senhor, o Deus de Sem! Seja Canaã seu escravo. Amplie Deus o território de Jafé; habite ele nas tendas de Sem, e seja Canaã seu escravo". (Gênesis 9:22-27)[8].

Segundo a Bíblia cristã, após o dilúvio da Arca de Noé que daria fim ao caos em que se encontrava a humanidade, os filhos de Noé, Cam, Sem e Jafé, foram os responsáveis por repovoar a terra com seus descendentes e cada um repovoou um dos três continentes conhecidos no velho mundo: Sem repovoou a Ásia, Jafé a

---

[7] No original: “slavery gave birth to racism, at least in its modern form, just as racism became the excuse for slavery’s excesses.” (DAVIDSON, 1994 apud ASHCROFT et al, 2007, p. 196).

[8] Disponível online em https://www.bibliaonline.com.br/nvi/gn/9. Último acesso em 11 de julho de 2016 às 19h26.

Europa e Cam a África. Assim estava dado o veredicto de todo o povo africano, uma vez que são descendentes de Cam e Canaã, o que os tornou escravos dos europeus, que são descendentes de Jafé, legitimando, assim, a escravidão. Anos depois, para confirmar a afirmação de que os africanos eram um povo amaldiçoado, usou-se a estratégia de que eles eram ateus e que nem a conversão ao cristianismo os salvaria (BOSI, 1992; ALEIXO, 2011).

Essa visão monogenista (de que todos os seres humanos se originaram de uma fonte comum mas alguns foram se degenerando) era predominante até o século XIX, quando surgiu a hipótese poligenista, que se refere a vários centros de criação, o que resultou nas diferenças raciais e pôs um fim na ideia de igualdade, já que não havia mais um elo que ligasse toda a humanidade (SCHWARCZ, 1993).

Com a publicação de *A origem das espécies*, Charles Darwin teve seu trabalho sendo utilizado como base teórica para práticas bem conservadoras que justificavam o imperialismo europeu, considerado mais forte e adaptado. Esse darwinismo social afirmava que cada raça[9] possuía uma essência que seria transmitida junto com as características físicas; logo, acreditava-se que o alto nível de inteligência e a boa índole estavam diretamente relacionados à "raça branca", enquanto falhas de caráter, ociosidade e selvageria eram associadas aos negros, criando a dicotomia "branco bom X negro ruim" (SCHWARCZ, 1993; APPIAH, 1995). Com esse respaldo teórico teve início uma rede de práticas discriminatórias, que iam desde atitudes concretas a elementos discursivos que reproduziam e reafirmavam a desigualdade social entre o branco dominante e o não-branco dominado "em nome da ciência e da civilização".

A publicação desses estudos científicos propiciou práticas eugênicas em diversos países, o que pode ser observado pelos trabalhos de Dijk (2012) e Schwarcz (1993). Ao analisarem a construção das práticas racistas nesse período e o respaldo teórico que receberam, Dijk (2012) e Schwarcz (1993) apontam como a proibição de casamentos inter-raciais era considerada uma forma de "aprimoramento populacional", visto que, pela raça branca ser tratada como

[9] Bourdieu (2007, p. 22-23) cita o antropólogo Charles Wagley, que desenvolveu um estudo sobre como "a concepção da "raça" nas Américas admite várias definições, segundo o peso atribuído à ascendência, à aparência física (que não se limita à cor da pele) e ao status sociocultural (profissão, montante da renda, diplomas, região de origem, etc.)". Assim, enquanto nos Estados Unidos a pessoa é considerada "negra" pelo fato de possuir parentes identificados como negros, no Brasil, a identidade racial é definida por características físicas: cor da pele, textura dos cabelos, etc.

superior, a miscigenação era considerada uma degeneração não só racial, mas social. Schwarcz (1993, p. 61) ainda afirma que:

> Partindo da teoria de Darwin, mas na verdade subvertendo-a, esses pensadores afirmavam que o resultado de um casamento híbrido era sempre degenerado ou mais fraco. Pior ainda, carregava os defeitos (e não as qualidades) de cada um de seus ancestrais.
> A antiga noção de "perfectibilidade" do século XVIII continua presente no século XIX, mas ganha uma acepção diversa. Nesse caso, implica pensar não em uma qualidade intrínseca ao homem, mas em um atributo próprio das "raças civilizadas" que tendem à civilização. Por outro lado, o conceito ganha um sentido único e direcionado, já que parece existir só uma "perfectibilidade" possível, e da outra parte apenas a degeneração.

Assim, acreditava-se que as características físicas de um grupo estavam ligadas a questões intelectuais, e criou-se uma oposição binária imaginada entre grupos raciais "superiores" e "inferiores".

Essas teorias raciais acabaram perdendo força por falta de embasamento científico que justificasse a superioridade de determinados seres em detrimento de outros com base em sua essência racial. Isso ocorreu principalmente pelo fato da biologia contemporânea afirmar não ser possível segregar os seres humanos por "raça", visto que uma análise do tipo sanguíneo, da herança genética e da estrutura óssea levariam a subdivisões divergentes (TODOROV, 1986).

No entanto, enquanto a ciência não delimita seres por raças, essa divisão social continua existindo, e com ela o comportamento racista. Stuart Hall (2003, p. 69) afirma que isso ocorre porque a concepção de "raça" não é científica, mas "uma concepção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão", e cujo processo é aprendido, afirmado e reafirmado constantemente através dos programas de televisão, dos jornais, do cinema e da literatura. Assim, o comportamento racista desconsidera as questões científicas, focando-se nas características físicas, como cor de pele, por exemplo, para hierarquizar os indivíduos, sendo um fenômeno predominantemente contemporâneo, perpetuado pelo mesmo discurso das teorias raciais e reafirmado diariamente explícita ou implicitamente, hierarquizando e propagando a discriminação de certos grupos sociais.

Como escritores, jornalistas e formadores de opinião, em geral, não fazem parte dos grupos minoritários, há um constante silenciamento das mídias sobre as desigualdades raciais, visto que há pouco ou quase nenhum interesse em abordar a

discriminação ou em mudar as estruturas discursivas que reafirmam o preconceito; assim, a identidade branca ainda é comumente considerada representante natural da espécie e seus atributos vistos como universais:

> Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é "natural", desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade. Paradoxalmente são as outras identidades que são marcadas como tais. Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, "ser branco" não é considerado uma identidade étnica ou racial. (SILVA, 2014, p. 83).

Como a identidade branca é detentora de poder, ela se torna a norma, então desde os padrões de beleza até a religião dominante têm como parâmetro a cultura branca europeia; por conseguinte, tudo o que remete à cultura negra ou é considerado exótico ou é visto de forma negativa de uma maneira geral, o que propaga um único padrão de comportamento como o correto a ser seguido – o padrão branco europeu.

Essa supremacia branca está diretamente ligada ao termo *whiteness*, ou branquitude, um capital simbólico. A branquitude refere-se a processos socioeconômicos que concentram o poder e privilégio de forma velada nas mãos de um grupo, reproduzindo, assim, injustiças sociais. Bonnici (2011), ao trabalhar o multiculturalismo na literatura, aponta a ausência do estudo da Literatura Negra nos cursos de Letras no Brasil e na Inglaterra, e esse é apenas um pequeno exemplo de como a branquitude detém o poder social. Porém, como Steinberg (2009) bem aponta, o privilégio branco afeta não só não-brancos ao serem inferiorizados, mas também brancos que são vistos de forma estereotipada e dos quais se espera um padrão comportamental. Por conseguinte, a branquitude afeta toda a sociedade de uma maneira geral.

A literatura, ao refletir sua época, tem o poder tanto de denunciar o racismo e a manutenção da branquitude existente quanto de reafirmá-los. Ao analisar o contexto literário contemporâneo, nota-se que, embora esteja havendo um aumento da representação de negros em diferentes meios (mesmo que ainda em patamares inferiores ao dos brancos), é possível observar uma constante normalização da

identidade branca, e consequentemente uma discriminação contra os não-brancos, ainda que de forma velada, o que se estende também à literatura infanto-juvenil e aos livros didáticos – os personagens que não possuem sua condição étnico-racial explícita no texto são frequentemente ilustrados como brancos, e personagens negros só são observados em contextos determinados como os que abordam a desigualdade racial (DIJK, 2012). E desta forma dissimulada há um reforço da branquitude normativa, contribuindo com a manutenção do preconceito racial entre crianças e adolescentes, que perpetuarão a segregação na sociedade ao se tornarem adultos.

Apesar do racismo no Brasil englobar majoritariamente os negros, é importante ressaltar que o racismo no Reino Unido (onde a série *Harry Potter* foi originalmente escrita e publicada) refere-se não só aos negros, mas engloba todos os não-brancos, ou seja, latinos, asiáticos e imigrantes de forma geral que foram (e muitas vezes ainda são) sistematicamente segregados e tratados como inferiores.

Mas o que tem sido feito para minimizar as formas de racismo na sociedade? A educação escolar é constantemente apontada como um dos principais meios de trabalhar a multiculturalidade.

2.2 UMA PEDAGOGIA MULTICULTURAL

Segundo Steinberg (2009), o termo “multiculturalismo” é relativamente recente e não possui verbete no dicionário impresso Aurélio até 2004, sendo definido como um conjunto de informações sobre o “outro” visto pela perspectiva da cultura dominante, sem considerar as relações de poder ou a equidade.

Como houve muitos questionamentos acerca da validade de uma perspectiva multicultural com este foco, hoje sua definição pode ser problemática, refletindo concepções diferentes em diferentes contextos, e por isso é preciso esclarecer que o termo multiculturalismo aqui tratado refere-se à definição proposta por Canen (2002, p. 56) de “um conjunto de princípios e práticas voltados à valorização da diversidade cultural e ao desafio de preconceitos e estereótipos a ela relacionados.”. Desta forma, o multiculturalismo engloba não só a cultura, mas outras características

identitárias do sujeito, como raça, gênero, etc., que demonstram a multiplicidade social e devem ser incorporadas em currículos e práticas pedagógicas.

Porém, uma pedagogia multicultural não deve apenas celebrar a diferença, proclamando a tolerância, o que reforçaria ainda mais as estruturas de opressão ao criar as dicotomias do “dominante tolerante” e do “dominado tolerado”, mas problematizá-la pelo viés das relações de poder, centralizando a crítica política da identidade e da diferença, afinal, cultura e poder estão interligados (BONNICI, 2011; SILVA, 2014; STEINBERG, 2009).

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais é possível observar como a identidade cultural está diretamente relacionada à diferença, pois a marcação da diferença é a base da cultura, podendo ocorrer “tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença” (SILVA, 2014, p.40), sendo ambas criações culturais e sociais. Silva (2014, p.83) aponta, ainda, a importância de se questionar a identidade e a diferença como relações de poder, pois desta forma questiona-se também o binarismo de sua organização, uma vez que “as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa”, e desta forma tem-se o “branco bom X negro ruim”.

Uma pedagogia multicultural precisa tratar a identidade e a diferença como questão política e isso não consiste somente na identificação de culturas distintas, mas na compreensão de seus indivíduos, de suas similaridades e diferenças, questionando as relações desiguais de poder, a construção histórica dos preconceitos, das discriminações e da hierarquização social, a construção dos discursos, e “fornecendo subsídios que ajudem a pensar na pluralidade, na diversidade, nas diferenças, desafiando uma visão monocultural, homogênea e abstrata dos sujeitos alfabetizandos” (CANEN, 2002, p. 58), para que, assim, a diferença não seja apenas apontada e conhecida, mas reconhecida[10] e respeitada.

---

[10] “Se por “conhecimento” de uma pessoa entendemos exprimir sua identificação enquanto indivíduo (identificação que pode ser gradualmente melhorada), por “reconhecimento” entendemos um ato expressivo pelo qual este conhecimento está confirmado pelo sentido positivo de uma afirmação. Contrariamente ao conhecimento, que é um ato cognitivo não público, o reconhecimento depende de meios de comunicação que exprimem o fato de que outra pessoa é considerada como detentora de um valor social.” (HONNETH, 2004 apud OLIVEIRA, 2006, p. 31).

As escolas, devido ao seu caráter educativo, têm papel fundamental em habilitar o sujeito como ser pensante; portanto, o aprendizado deveria ser multicultural e não apenas focado na perspectiva dominante. No entanto, as instituições escolares podem ser tanto catalizadores na quebra de preconceitos quanto na manutenção destes, e até o presente momento é comum encontrar um ensino eurocêntrico – ao abordar o tema da colonização, por exemplo, é comum observar nas salas de aula referências a uma oportunidade de civilização dada aos nativos ao invés de uma cena de genocídio e destruição de toda uma sociedade e cultura (BRAH, 1996; NAIDITCH, 2009; STEINBERG, 2009); e desta forma reforça-se a ideia não só do branco superior a todas as outras sociedades, mas tão generoso a ponto de levar sua cultura superior a outras civilizações.

Ainda, ao mencionar que um indivíduo é culto há alusão a uma cultura específica – a branca. Portanto, nota-se que: 1- o multiculturalismo ainda não é visto com relevância no processo de construção do sujeito e por isso não faz parte do ambiente escolar; 2- a escola funciona como uma das formas de manter as hierarquias de poder, concentrando-o nas mãos da classe dominante ao perpetuar o *status quo* vigente. Ao desconsiderar a diversidade cultural e reproduzir o padrão da classe dominante, o ensino torna o que é heterogêneo em homogêneo e inferioriza o que é diferente.

Leal (2008, p. 39) aponta como a prática na sala de aula ainda é excludente e monocultural e a necessidade de tornar a educação multicultural para, além de expandir o horizonte cultural do aluno, promover um ensino transformador, capaz de formar uma sociedade menos discriminatória:

> A [ideia] é transformar o espaço monocultural escolar em um espaço de crítica cultural, em que sejam promovidas discussões que propiciem, ao estudante, a compreensão de que tudo pode ser questionado e transformado e de que não precisamos ficar indiferentes ao conhecimento que é transmitido como *natural* e *inevitável*. Além da crítica cultural, é necessário expandir o horizonte cultural do aluno.
> Se orientado por uma visão multicultural, o docente atento às questões curriculares pode-se sensibilizar com a questão do preconceito e da discriminação, tão presentes em nossa sociedade e em nossas escolas. Nessa perspectiva, tem a chance de promover no cotidiano escolar uma educação combativa de tais preconceitos e a discriminações, buscando assim uma sociedade que seja mais justa e menos discriminatória.
> [...] o caráter monocultural escolar gera discriminações e preconceitos por não considerar a pluralidade cultural da sua clientela. Dessa forma, é necessário problematizar, desvelar e reconhecer este caráter monocultural discriminador. Caso contrário, a escola continuará reforçando os processos

> discriminadores da escola ao reproduzir os padrões da cultura da classe dominante.

É importante ressaltar que, apesar de o multiculturalismo apoiar e incentivar as culturas das minorias populacionais, uma pedagogia multicultural não se resume a “servir às minorias”, mas tem muito a acrescentar a todos; ao compreender a existência de um pluralismo cultural, os educandos não apenas respeitarão o “outro”, mas podem desenvolver habilidades discursivas, assimilar estratégias de mídia e como elas são guiadas tanto de acordo com o público-alvo quanto pelos sistemas de opressão, e assim depreender as relações de poder e sua responsabilidade social, o que leva a um processo de reconhecimento da identidade não só do outro, mas de si mesmo. Mais além, ao enxergar o mundo por uma perspectiva multicultural, os educandos estarão mais aptos a entender o passado e sua relação com o presente.

Um dos desafios que a escola tem de enfrentar é lidar com a pluralidade e diferença, abrindo espaço para a diversidade em vez da homogeneização. Uma das formas de trabalhar o multiculturalismo aproximando o ensino da prática social é através das multimodalidades, ou seja, utilizando não só textos escritos, mas narrativas em diferentes mídias e meios, e por isso a escolha desta pesquisa em analisar *Harry Potter* tanto enquanto texto impresso como adaptação fílmica.

Apesar de este trabalho abordar a investigação do tema racismo em um universo ficcional mágico em detrimento do proveniente da colonização, Fanon (2008, p. 87) mostra que “[t]odas as formas de exploração se parecem. [...] O racismo colonial não difere dos outros racismos”, o que possibilita analisar a situação dos elfos domésticos em *Harry Potter*.

3 *APARECIUM*[11]: TORNANDO VISÍVEL O INVISÍVEL

> Se você quer saber como um homem é veja como ele trata os inferiores, e não os seus iguais.
>
> *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, p. 416.

O presente capítulo tem por objetivo refletir sobre a construção dos elfos domésticos na narrativa impressa de *Harry Potter*. Para tal, houve a divisão em subcapítulos a fim de analisar a estruturação narrativa, a hierarquização social do mundo mágico, e finalmente os elfos domésticos, sua escravidão e como o discurso é agente na manutenção do preconceito. Após essa apreciação, há um breve paralelo entre a figura dos elfos domésticos e os imigrantes britânicos, uma vez que a narrativa de *Harry Potter* pode ser vista como uma alegoria do mundo real.

Ao trabalhar com a personagem de ficção, Candido (2011, p. 48) aponta que narrativas ficcionais são uma maneira de se distanciar do mundo a ponto de contemplá-lo e entendê-lo:

> A ficção é um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar sua própria situação.

Assim, uma narrativa infanto-juvenil possui grande importância na construção identitária do indivíduo leitor ao instigar não só o pensamento crítico acerca do mundo e da sociedade, mas sobre si mesmo.

Como a série *Harry Potter* participou da formação literária de toda uma geração, faz-se necessário pensar sobre os questionamentos que ela instiga, sendo a hierarquização entre raças um deles, o que proporciona discussões acerca do

---

[11] *Aparecium* é o feitiço usado para tornar visível algo invisível (ROWLING, 2000b).

racismo e da escravidão. Contudo, antes de adentrar o referido tema é preciso ter em mente como se dá a estruturação narrativa da série *Harry Potter*.

3.1 ESTRUTURAÇÃO DA NARRATIVA[12]

Ao analisar a composição da matéria narrativa na literatura infantil, Coelho (2000) afirma que há dez fatores estruturantes: narrador, foco narrativo, história, efabulação, gênero narrativo, personagens, espaço, tempo, linguagem e leitor. Apesar de cada um deles possuir importância no processo que resulta a matéria literária, dois deles estarão diretamente ligados à análise do racismo e da escravidão e por isso merecem atenção especial: o narrador e o foco narrativo.

Em *Harry Potter* o narrador é em 3ª pessoa, classificado como "narrador onisciente":

> que se quer um "recriador" da realidade e senhor absoluto de seu mundo de ficção, que ele pretende transmitir ao leitor como verdade e não como invenção, assumindo-se como total conhecedor dos fatos e conflitos, do dentro e do fora das personagens e, inclusive, de seu presente, passado e futuro. (COELHO, 2000, p. 67-68).

Essa escolha de narrador é de extrema importância, pois o leitor pressupõe que está tendo domínio total dos fatos, já que o narrador demonstra possuir controle absoluto da narrativa e conhecer até o íntimo das personagens.

Porém, a narração também é influenciada pelo foco narrativo, que no caso da série *Harry Potter* é onisciente de consciência parcial: "quando apenas parte do que acontece é revelado ao leitor, pois o narrador se limita ao ângulo de visão de apenas uma personagem e esta passa a ser uma espécie de 'filtro' através da qual a trama da narrativa flui." (COELHO, 2000, p. 69). A partir do momento em que Harry Potter aparece na trama, o leitor verá a sua perspectiva do que acontece. Segundo Jean Pouillon (1974 apud COELHO, 2000, p. 69), no foco onisciente de consciência parcial,

---

[12] A estruturação narrativa da série *Harry Potter* foi utilizada nos meus seguintes artigos previamente publicados: CARVALHO, 2015d; 2015e.

> tudo fica centralizado numa única personagem [...] a visão mais nítida é a da personagem central. Na realidade, esta é a central, não porque seja vista no centro, mas sim porque é sempre a partir dela que vemos os outros [...] é com ela que vivemos os acontecimentos registrados pelo narrador.

O foco narrativo é essencial na percepção dos temas do racismo e da escravidão na obra, uma vez que, majoritariamente, o leitor apenas terá acesso à visão de Harry Potter dos fatos. Assim, tratando-se de uma série dividida em sete volumes, sendo o primeiro classificado como infantil e o último como juvenil, as situações de hierarquização são primeiramente vistas e mostradas pelo olhar de um garoto de 11-12 anos, estando, desta forma, implícitas ao longo da narrativa, uma vez que Harry ainda não possuía um olhar crítico do mundo que o cerca.

A partir do quarto livro da série, *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001a), Harry e seus amigos estão mais velhos, e consequentemente sua visão acerca do mundo se torna mais madura e crítica. À vista disso, o tema da escravidão e do racismo agora ganha destaque pela voz da personagem Hermione Granger através da condição a que os elfos domésticos são submetidos e só então o leitor toma pleno conhecimento da dimensão que a hierarquização entre indivíduos pode tomar e do abuso que não só Dobby, mas todos os elfos domésticos sofrem.

3.2 MAGIA E PODER NOS LIVROS

Antes de adentrar o racismo e a escravidão impostos aos elfos domésticos também é preciso observar como se dá a estruturação social no mundo mágico de *Harry Potter*. Nele, os bruxos são apresentados como o padrão, a norma, e todos os outros seres são vistos em comparação aos bruxos. A relação de poder está presente em toda a narrativa, principalmente de forma velada com relação a vários grupos considerados inferiores, como é o caso dos centauros e dos duendes.

Um momento na série em que é possível sintetizar a hierarquização que ocorre entre raças é quando Arthur Weasley leva Harry Potter até o Ministério da Magia em *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003, p. 106-107), e então há uma descrição do lugar feita pelo personagem focalizador, que neste momento já é adolescente e possui uma visão mais crítica do mundo:

> No meio do saguão havia uma fonte. Um grupo de estátuas de ouro, maiores que o tamanho natural, estavam dispostas no centro de um espelho de água circular. A mais alta era de um bruxo de aparência aristocrática, com a varinha apontando para o ar. Agrupados a seu redor, havia uma bela bruxa, um centauro, um duende e um elfo doméstico. **Os três últimos olhavam com adoração para o casal de bruxos**. Das pontas de suas varinhas, saíam jorros de água cintilante, bem como da ponta da flecha do centauro, da ponta do chapéu do duende e de cada orelha do elfo doméstico, de tal como que o silvo e o tilintar da água que caía se misturavam aos *popes* e *craques* dos bruxos aparatando e ao ressoar dos passos de centenas de outros, a maioria com a cara de poucos amigos de quem acabara de acordar, dirigindo-se a uma fileira de portões dourados no fundo do saguão. [grifo meu].

O Ministério da Magia é o órgão de máximo poder do universo de *Harry Potter*, e o fato de haver uma estátua que posiciona um bruxo como elemento de adoração por centauros, duendes e elfos diz muito sobre a forma como essa sociedade é estruturada e sobre a visão bruxa acerca dessas outras criaturas.

Embora na narrativa da série os centauros sejam dotados de inteligência tal qual os bruxos, o termo “centauro” encontra-se no glossário de animais fantásticos utilizado no mundo fictício de *Harry Potter* (ROWLING, 2001b)[13], o que corrobora com a visão preconceituosa por parte de bruxos de que esses seres sejam inferiores. Dolores Umbridge, uma bruxa conservadora, diz que eles possuem uma inteligência quase humana, colocando-os assim, abaixo dos humanos, e em um ataque de fúria ela se refere aos centauros como “[m]estiços imundos! [...] Feras! Animais descontrolados!” (ROWLING, 2003, p. 611).

É curioso notar que no mesmo glossário já citado consta que os centauros não necessitam de proteção bruxa por possuírem seus próprios recursos, evidenciando a independência destes seres em relação aos bruxos. Para um centauro, ser tratado como inferior é uma enorme ofensa, e de forma alguma eles aceitam servir aos bruxos. Porém, na estátua existente no Ministério da Magia a figura do centauro olha para o casal bruxo com adoração, uma atitude impensável para essa raça, o que demonstra que a estátua é possivelmente uma propaganda

---

[13] É dito no glossário *Animais fantásticos & onde habitam/ Newt Scamander* (ROWLING, 2001b, p. 13) que “Os centauros fizeram objeções a algumas das criaturas com quem deveriam compartir a condição de “ser”, tais como as megeras e os vampiros, e declararam que eles administrariam seus negócios independentemente dos bruxos.”, e por isso eles são classificados como animais e não seres. No entanto, fica o questionamento quanto à designação, uma vez que o fato de eles próprios quererem administrar os negócios referentes à sua raça não significa que eles queiram ser denominados como animais.

ideológica para encobrir o fracasso bruxo de subjugar os centauros, principalmente pelo lugar onde ela se encontra ser considerado o centro de todo o poder bruxo.

Quanto aos duendes, por forjarem metais, especialmente a prata, são os que controlam as finanças, administrando o banco Gringotes; contudo, eles ainda são considerados inferiores, ficando à mercê da vontade dos bruxos, o que pode ser observado quando o bruxo Travers se refere aos duendes: "O ouro, o vil metal! Não podemos viver sem ele, mas confesso que deploro a necessidade de conviver com nossos amigos de dedos longos." (ROWLING, 2007, p. 411).

Mas não são apenas os bruxos mais conservadores e seguidores de Voldemort, como Travers, que possuem essa visão hierarquizada entre seres – todos os bruxos, de uma maneira geral, compactuam para que as outras raças sejam submissas:

> – Tenho certeza de que eles nunca se aliariam a Você-Sabe-Quem – falou o Sr. Weasley, balançando a cabeça. – Eles também sofreram perdas; lembra aquela família de duendes que ele assassinou da outra vez, perto de Nottingham?
> – Acho que tudo depende do que oferecerem aos duendes – comentou Lupin. – E não estou falando de ouro. Se oferecerem **a liberdade que vimos negando a eles há séculos**, ficarão tentados. (ROWLING, 2003, p. 74). [grifo meu].

Na citação acima, nota-se que Lupin, bruxo respeitável pertencente à Ordem da Fênix e ex-professor de Hogwarts, tem conhecimento da falta de liberdade que os duendes possuem devido a atitudes bruxas reafirmadas até mesmo pelos bruxos que são contra o conservadorismo pregado por Voldemort e seus seguidores.

Ainda, pela fala de Grampo, um duende que possui destaque na narrativa, é possível observar o descaso dos bruxos (a quem ele se refere como “porta-varinhas”) para com as outras raças e como a luta contra Voldemort é feita por bruxos e para bruxos, sem pensar na influência que ela tem na vida dos seres de raças distintas:

:

> – O direito de portar uma varinha – disse o duende, em voz baixa – tem sido, há muito tempo, motivo de contestação entre bruxos e duendes.
> – Bem, os duendes são capazes de magia sem o auxílio de varinhas – disse Rony.
> – Isto não vem ao caso! Os bruxos se recusam a dividir os segredos tradicionais sobre varinhas com outros seres mágicos, nos negam a possibilidade de ampliar nossos poderes! [...] À medida que o Lorde das Trevas se torna mais poderoso, a sua raça se coloca mais firmemente acima da minha! O Gringotes cai sob o domínio dos bruxos, os elfos

> domésticos são massacrados, e quem entre os porta-varinhas protesta? (ROWLING, 2003, p. 380).

Essa hierarquização também está presente em relação a todos os outros seres, sempre tendo os bruxos como a norma, e ela se intensifica ainda mais em relação aos elfos domésticos, como poderá ser observado a seguir.

3.3 OS ELFOS DOMÉSTICOS NOS LIVROS[14]

Em um romance, enredo e personagem estão intimamente relacionados, uma vez que "[o] enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam." (CANDIDO, 2011, p. 53-54). Assim, ao abordar o racismo e a escravidão na série *Harry Potter* é necessário analisar as personagens através das quais o tema "torna-se vivo", e no caso da narrativa de Rowling esse papel pertence aos elfos domésticos, seres que vivem sob o regime de servidão imposto pelos bruxos, sendo considerados inferiores.

Apesar de os elfos domésticos possuírem características fantásticas, o que os distanciariam da realidade, o modo como eles são tratados remete o leitor ao preconceito e hierarquização existentes na sociedade; por conseguinte, a obra torna-se uma alegoria do mundo real e do racismo contemporâneo, expondo claramente situações de opressão ao longo dos sete livros de Rowling.

A primeira aparição de um elfo doméstico na narrativa ocorre no segundo capítulo de *Harry Potter e a câmara secreta* (ROWLING, 2000b, p. 17), segundo livro da série. No capítulo mencionado, Harry entra em seu quarto e encontra uma criatura mágica – até o momento desconhecida por ele – sentada em sua cama: "A criaturinha em sua cama tinha orelhas grandes como as de um morcego e olhos esbugalhados e verdes do tamanho de bolas de tênis.", e se apresenta como "Dobby

---

[14] Uma breve análise da situação dos elfos domésticos foi feita no meu artigo *A invisibilidade dos elfos domésticos em "Harry Potter" como reflexo do racismo e da escravidão* (CARVALHO, 2015d) publicado nos anais do III Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-americano, servindo como base para o desenvolvimento deste capítulo.

o elfo doméstico". A introdução ocorre de maneira formal, com Dobby fazendo "uma reverência tão exagerada que seu nariz, comprido e fino, encostou no tapete."

Enquanto no quarto de Potter, Dobby somente se dirige a ele pela alcunha de "senhor", já dando indícios da forma como normalmente ele se refere a um bruxo e como ele é tratado por estes: "Dobby *nunca* foi convidado a se sentar por um bruxo... como um *igual*..." (ROWLING, 2000b, p. 17). Dobby ainda conta a Harry que serve a uma família de bruxos e que tem que se castigar caso a desagrade; porém, mesmo sendo tratado desta forma, o elfo deve permanecer com essa família até morrer, pois fugir não é uma opção para um elfo doméstico. Foucault (1987, p. 143) analisa o efeito da disciplina na manutenção do poder à medida que os próprios indivíduos regulam sua atuação repressora e afirma que "[a] disciplina "fabrica" indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício." Vê-se, assim, como a dominação aos elfos domésticos é tão forte que eles nem questionam sua situação ou tentam se desvencilhar dela.

A partir desse momento na narrativa, Harry Potter (bem como o leitor) descobre que elfos domésticos são criaturas mágicas que habitam casas de ricas famílias bruxas e instituições, sendo obrigados "a servir a uma casa e a uma família pra sempre" (ROWLING, 2000b, p. 19), até que morram ou sejam libertos. Apesar de fazerem todo o trabalho doméstico, eles não recebem qualquer pagamento, usam trapos e devem obedecer às ordens de seus donos até o fim de suas vidas; Dobby ainda se refere à fronha que veste como "marca de escravidão do elfo doméstico" (ROWLING, 2000b, p. 153), pois a forma de libertar um elfo é dando-lhe roupas[15].

Elfos domésticos "têm poderes mágicos próprios, mas em geral não podem usá-los sem a permissão dos donos." (ROWLING, 2000b, p. 30). É interessante observar que os bruxos necessitam de varinhas para realizar magias, ficando desprovidos de poderes sem elas; por outro lado, elfos domésticos são dotados de mágica, não necessitando de qualquer objeto para realizá-las. Mesmo assim, esses seres são subjugados e considerados inferiores pelos bruxos, e se desagradam seus mestres de alguma forma, eles se autoflagelam como forma de punição ou são castigados de inúmeras maneiras. Aleixo (2011), ao dissertar sobre racismo,

[15] Na mitologia escocesa há seres que possuem um comportamento semelhante ao dos elfos domésticos. Eles são denominados Brownies, vivem com a mesma família por anos fazendo o trabalho doméstico, mas somem ao receber alguma peça de roupa. (KEIGHTLEY, 1833; CAMPBELL, 1900).

comenta como a desvalorização da vida do oprimido é um mecanismo racial comum, sendo recorrente a incitação a atos extremos, exercendo uma opressão real; logo, por ser uma alegoria da realidade, na narrativa de *Harry Potter* a agressão ao outro que é diferente ultrapassa o limite verbal, tornando-se físico.

Elfos domésticos não são tratados e reconhecidos como sujeitos, mas sim reduzidos a apenas mais um pertence da família bruxa; é a objetificação direcionada a determinada raça que "valida" a escravidão a que são submetidos. Ao recebem o estatuto de objeto, sua raça é vista e aceita na sociedade como inferior, sendo assim mais fácil tomá-los como propriedade e escravizá-los.

Apesar de ser mencionado que elfos domésticos são comuns em "grandes casas senhoriais, castelos e lugares do gênero" (ROWLING, 2000b, p. 31), o único elfo visto por Harry e consequentemente citado durante todo o volume é Dobby, aparecendo como uma criatura que sofre nas mãos de seus mestres. Ao final de *Harry Potter e a câmara secreta* (ROWLING, 2000b) fica claro que Dobby serve aos Malfoy – família rica e conservadora, sendo o patriarca Lúcio um antigo Comensal da Morte, ou seja, um seguidor de Voldemort:

> Lúcio Malfoy ficou parado por um instante, e Harry viu distintamente sua mão direita fazer um gesto involuntário como se quisesse alcançar a varinha. Em vez disso, ele se virou para o elfo doméstico.
> – Vamos embora, Dobby!
> Abriu a porta com violência e quando o elfo veio correndo para alcançá-lo, ele o chutou porta afora. Eles ouviram Dobby guinchar de dor por todo o corredor. (ROWLING, 2000b, p. 283).

Harry, então, consegue enganar Malfoy e faz com que ele dê uma meia a Dobby sem perceber, libertando o elfo: "Meu dono atirou a meia e Dobby a apanhou, e Dobby... Dobby está livre." (ROWLING, 2000b, p. 284). Após ganhar sua liberdade, Dobby agradece a Potter pelo ato e desaparece.

Como Lúcio Malfoy demonstra apreço pelas Artes das Trevas e é avesso até a bruxos mestiços (filhos de não-bruxos), sua atitude opressora em relação a elfos domésticos parece aos olhos do personagem Harry Potter algo restrito à família em questão. Logo, ao libertar Dobby, tem-se a impressão de que o problema está resolvido, não havendo nenhuma aparição de um elfo doméstico no volume seguinte da série. Até que em *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001a), um livro de passagem entre a fase infantil e a juvenil de Harry, fica claro que a questão escravista é maior do que aparenta.

Em *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001a), o personagem focalizador (e consequentemente o leitor) toma conhecimento de outro elfo doméstico – Winky, que serve à família Crouch – e descobre, então, que essa atitude opressora é rotineira entre famílias bruxas poderosas, que hierarquizam as criaturas mágicas, colocando-se acima de todas e, por isso, no direito de escravizar aquelas de raças distintas da sua:

> Elfos domésticos fazem o que são mandados fazer. Eu não estou gostando nem um pouco da altura, Harry Potter... – ela olhou para a borda do camarote e engoliu em seco – ... mas meu dono me mandou para o camarote de honra e eu obedeço, meu senhor. (ROWLING, 2001a, p. 83).

Pela fala de Winky observa-se como os elfos estão presos a essa servidão, tendo que suprimir suas próprias vontades e desejos a fim de agradar seus mestres.

Ainda, é possível notar que castigos são comuns à realidade dos elfos domésticos, sendo esperados pela sociedade bruxa caso um elfo aja de forma inesperada, como por exemplo, ao ter uma atitude não condizente com a sua posição de submissão:

> – Pode ficar tranquilo que ela será castigada – acrescentou o Sr. Crouch friamente.
> – M-m-meu senhor... – gaguejou Winky, olhando para o Sr. Crouch, seus olhos rasos de lágrimas. – M-m-meu senhor, p-p-por favor...
> O Sr. Crouch encarou o elfo, seu rosto ainda mais agressivo, cada ruga nele profundamente marcada. Não havia piedade em seu olhar.
> – Esta noite Winkky se portou de uma forma que eu não teria imaginado possível – disse ele lentamente. – Eu a mandei permanecer na barraca. Mandei-a permanecer ali enquanto eu ia resolver o problema. E descubro que ela me desobedeceu. (ROWLING, 2001a, p. 113).

Enquanto na narrativa de *Harry Potter e a câmara secreta* (ROWLING, 2000b) a situação dos elfos domésticos não desperta uma consciência crítica no personagem Harry Potter, a aparição de Winky em *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001a, p. 103) fez com que Hermione Granger abrisse os olhos de seus amigos (e consequentemente do leitor) para o que acontece a esses seres:

> – Sabem, os elfos domésticos têm uma vida *duríssima*! – disse Hermione indignada. – É escravidão, isso é que é! Aquele Sr. Crouch fez Winky subir até o topo de estádio, e ela estava aterrorizada, e enfeitiçou ela dessa maneira para que nem possa correr quando eles começarem a pisotear barracas! Por que ninguém *faz* nada pra acabar com uma situação dessas?

> – Ué, os elfos são felizes, não são? – admirou-se Rony. – Você ouviu a Winky durante a partida... "Elfos domésticos não devem se divertir"... é disso que ela gosta, que mandem nela...
> – É gente como *você*, Rony – começou Hermione com veemência –, que sustenta sistemas podres e injustos, só porque são preguiçosos demais para...

A partir desse encontro, torna-se explícito na narrativa que a realidade vivida por Dobby não era exceção, mas sim rotina na vida de um elfo doméstico; ao reconhecer que a situação de escravidão é compartilhada por toda uma raça, Hermione começa a questionar a estruturação hierárquica da sociedade e a posição dos bruxos como agentes na manutenção dela.

Até o momento foram destacadas breves situações que denunciam a escravidão dos elfos domésticos, mostrando o preconceito existente contra esses seres, o que leva à sua inferiorização. Porém, ao abordar o multiculturalismo, Canen (2007, p. 93) aponta que o desafio é ir além dos preconceitos "e buscar identificar, na própria linguagem e na construção dos discursos, as formas como as diferenças são construídas." Logo, além de evidenciar os momentos na narrativa que denunciam a situação de escravidão a qual os elfos domésticos são submetidos, é importante notar como se dá a construção do discurso hierarquizante e a sua manutenção.

3.3.1 UM DISCURSO HIERARQUIZANTE

Kress & Van Leeuwen (2001, p. 4-5) realizam um trabalho sobre a construção do discurso na contemporaneidade e afirmam que

> [discursos] são conhecimentos socialmente construídos sobre (algum aspecto d') a realidade. Por 'socialmente construídos' nós queremos dizer que eles são desenvolvidos em contextos sociais específicos, e de uma forma que seja conveniente aos interesses de atores sociais nesses contextos, quer eles sejam amplos ('Europa ocidental') ou não (uma família específica), contextos explicitamente institucionalizados (jornais) ou não (uma conversa na mesa de jantar), etc. [tadução livre][16].

[16] No original: "Discourses are socially constructed knowledges of (some aspect of) reality. By 'socially constructed' we mean that they have been developed in specific social contexts, and in ways which are appropriate to the interests of social actors in these contexts, whether these are very broad

Como exemplo, Kress & Van Leeuwen apontam o discurso sobre conflito étnico nos jornais, que serve aos interesses dos países em eles são produzidos, bem como o do público-alvo, e que por isso não menciona a influência da colonização como um dos aspectos decisivos, visto que isso iria de encontro à ideologia do jornal. Desta forma, discursos não têm a função apenas de comunicar, mas servem a interesses próprios, sendo utilizados para perpetuar uma ideia.

Bourdieu (2008, p. 53-54), assim como Kress & Van Leeuwen, destaca como os discursos não são meras unidades de significado, mas sim de poder:

> os discursos não são apenas (a não ser excepcionalmente) signos destinados a serem compreendidos, decifrados; são também *signos de riqueza* a serem avaliados, apreciados, e *signos de autoridade* a serem acreditados e obedecidos. A língua raramente funciona, na existência ordinária, como puro instrumento de comunicação, a não ser em casos de usos literários (sobretudo, os poéticos) da linguagem.

Discursos não só descrevem ações, dizendo quem fez o quê, onde e quando, mas trazem valores, interpretações e revelam muito sobre os indivíduos falantes. Assim, cada enunciado vai além de uma simples exposição de um fato, mas traz implicações ideológicas e de poder de acordo com a posição do falante.

Ao analisar o discurso das personagens na narrativa de Rowling é possível constatar muito mais do que é dito explicitamente, e um exemplo disto é Winky, que dá informações não só sobre a condição dos elfos domésticos ao falar sobre Dobby, que conseguiu sua tão sonhada liberdade da família a que pertencia, mas também sobre a construção do discurso entre opressor e oprimido:

> [sobre Dobby] A liberdade está subindo à cabeça dele – disse Winky tristemente. – [Ideias] acima da condição social dele, meu senhor. Não consegue outro emprego, meu senhor. [...] *Ele está exigindo pagamento pelo trabalho que faz, meu senhor.* [...] Elfos domésticos não recebem pagamento, meu senhor! [...] Ele fica fazendo todo tipo de feitiço avançado, meu senhor, o que não fica bem para um elfo doméstico. [...] Elfos domésticos não nasceram para se divertir, Harry Potter – disse Winky com firmeza, por trás das mãos. (ROWLING, 2001a, p. 82-83).

Pela fala de Winky pode ser observado que há os elfos domésticos que internalizam a ideologia escravista, reproduzindo a fala de seu dominador, bem

---

contexts ('Western Europe') or not (a particular family), explicitly institutionalised contexts (newspapers) or not (dinner-table conversations), and so on." (KRESS & VAN LEEUWEN, 2001, p. 4-5).

como os que não internalizam, como é o caso do elfo Dobby, que queria ser livre. Figueiredo (1998 apud ALEIXO, 2011, p. 67), ao abordar o racismo, analisa o discurso envolto nele e afirma que quando o discurso do dominante é muito forte, o dominado tende a incorporá-lo e reproduzi-lo: “o colonizado busca a assimilação, ou seja, tenta trocar de pele, adotando aquela que lhe parece cheia de atrativos: a figura do colonizador”. Fazendo um paralelo com o estudo de Fanon (2008, p. 34) sobre a colonização histórica tem-se que:

> Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva.

Assim, Winky, apesar de oprimida, se posiciona a favor do opressor, e essa alienação quanto à sua real situação pode desencadear um sentimento de inferioridade e desprezo por si mesmo, o que também pode ser notado na elocução de Winky.

Ainda, no capítulo doze de *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001a, p. 147-148), através de uma conversa entre Hermione Granger e Nick Quase sem Cabeça, em que Harry Potter estava presente, o leitor descobre que Hogwarts, colégio visto como modelo de igualdade e justiça, também faz uso de elfos domésticos:

> – Tem elfos domésticos *aqui*? – perguntou, encarando Nick Quase Sem Cabeça com uma expressão de horror. – Aqui em *Hogwarts*?
> – Claro que sim – disse o fantasma, parecendo surpreso com a reação da garota. – O maior número que existe em uma habitação na Grã-Bretanha, acho. Mais de cem.
> – Eu nunca vi nenhum! – exclamou Hermione.
> – Bom, eles raramente deixam a cozinha durante o dia, não é? Saem à noite para fazer limpeza... abastecer as lareiras e coisas assim... quero dizer, não é esperado que fiquem à vista. Essa é a marca de um bom elfo doméstico, não é, que não se saiba que ele existe.
> Hermione ficou olhando o fantasma.
> – Mas eles recebem *salário*? – perguntou ela. – Têm *férias*, não têm? Licença médica, aposentadoria e todo o resto?
> Nick Quase Sem Cabeça deu gargalhadas tão gostosas que sua gola de rufos escorregou, e a cabeça despencou para o lado e ficou balançando nos poucos centímetros de pele e músculo fantasmais que ainda a ligava ao pescoço.
> – Licença para tratamento médico e aposentadoria? [...] Elfos domésticos não querem licenças nem aposentadorias.
> Hermione olhou para o prato de comida em que mal tocara, juntou os talheres e afastou-o.

> – Ora, vamos, Mi-oinc – disse Rony, cuspindo, sem querer, fragmentos de pudim de carne em Harry. – Opa... desculpe, Harry... – E engoliu. – Você não vai arranjar licenças para eles deixando de comer!
> – Trabalho escravo – disse a garota, respirando com força pelo nariz. – Foi isso que preparou este jantar. *Trabalho escravo*.
> E recusou-se a continuar a comer.

A citação mencionada é uma das mais importantes quanto ao tema do racismo e da escravidão, pois a linguagem é reflexo da cultura e da sociedade e diz muito sobre o posicionamento de cada indivíduo. Desta forma, podem ser destacados:

a) A naturalização do discurso de Nick Quase Sem Cabeça quanto à situação dos elfos domésticos, o que demonstra que aquela é uma condição rotineira que nem merece atenção ou questionamento.
b) A invisibilidade dos elfos domésticos no meio em que vivem – "não é esperado que fiquem à vista. Essa é a marca de um bom elfo doméstico, não é, que não se saiba que ele existe." (ROWLING, 2001a, p. 147). Durante toda a série eles estarão presentes pela ausência e a fala de Nick comprova isso.
c) Nick Quase Sem Cabeça fala *dos* elfos domésticos, mas não *a* eles. Todorov (2010a, p. 190) analisa a questão do outro na conquista da América e afirma que "é falando ao outro (não dando-lhe ordens, mas dialogando com ele), e somente então, que reconheço nele uma qualidade de *sujeito*, comparável ao que eu mesmo sou", o que não ocorre na narrativa de *Harry Potter* – Nick usa seu status e poder para falar pelos elfos, mesmo sem dialogar com eles para saber sua verdadeira opinião sobre o assunto: "Elfos domésticos não querem licenças nem aposentadorias" (ROWLING, 2001a, p. 148), uma vez que não sendo sujeitos, não tem querer.
d) A indiferença demonstrada por Rony Weasley quanto à situação do elfos. Mesmo não sendo um bruxo pertencente à nobreza, que possui um elfo doméstico, Rony age de acordo com o que é esperado de sua identidade bruxa, aceitando a condição dos elfos domésticos até com apatia, já que a escravidão e o racismo não o afetam diretamente. Rony, então, representa aqueles que não estão explicitamente ligados ao racismo e à escravidão, mas o perpetuam indiretamente no seu dia-a-dia, auxiliando, assim, na manutenção do preconceito.

Após sua constatação quanto à escravidão dos elfos domésticos, Hermione Granger se empenha em pesquisar a respeito do assunto e descobre que essa situação existe há séculos e ninguém nunca se incomodou a ponto de questioná-la. Assim, observa-se que a atitude padrão bruxa referente à servidão dos elfos domésticos consiste na perpetuação do racismo e do preconceito através da ideia de que eles gostam de servir, o que proporciona uma manutenção da hierarquia existente naquela sociedade.

A partir de suas pesquisas, Granger funda o F.A.L.E. – Fundo de Apoio à Liberação dos Elfos, cujos objetivos a curto prazo

> são obter para os elfos um salário mínimo justo e condições de trabalho decentes. A longo prazo [...] incluem mudar a lei que proíbe o uso da varinha e tentar admitir um elfo no Departamento para Regulamentação e Controle das Criaturas Mágicas, porque eles são vergonhosamente sub-representados." (ROWLING, 2001a, p. 181).

Porém, não há qualquer adesão ou interesse de outros bruxos no programa, o que demonstra que, de uma forma geral, todos compactuam, ainda que indiretamente, com a manutenção do preconceito e da situação inferiorizada designada aos elfos domésticos. Nota-se também que, diferentemente de Nick Quase Sem Cabeça, que se coloca em uma posição superior à dos elfos ao falar por eles, Hermione tem consciência da importância de que eles sejam representados por alguém da própria raça, que tenha conhecimento do que é ser um elfo doméstico.

Conforme o desenvolvimento do volume, a situação de hierarquização da sociedade e de como os elfos sofrem um apagamento até mesmo nos livros de história utilizados em Hogwarts se tornam mais explícitas pela voz de Hermione Granger:

> — Está tudo em *Hogwarts: uma história*. Embora, é claro, esse livro não seja *cem por cento* confiável. *Uma história revista de Hogwarts* seria uma título mais preciso. Ou, então, *Uma história seletiva e muito parcial de Hogwarts, que aborda brevemente os aspectos mais desfavoráveis da escola*.
> — Do que é que você está falando? — perguntou Rony, embora Harry soubesse o que vinha pela frente.
> — *Elfos domésticos!* — disse Hermione em voz alta, comprovando que Harry acertara. — Nem uma vez, em mais de mil páginas, *Hogwarts: uma história* menciona que somos todos coniventes na opressão de centenas de escravos! (ROWLING, 2001a, p. 192).

O discurso de Hermione vai além do questionamento quanto à escravidão dos elfos domésticos, mas problematiza a forma como a mídia é excludente, focando-se apenas nos fatos de seu interesse. Ao tocar nesse assunto, Granger não aponta para as formas de hierarquização facilmente perceptíveis, como era o caso de Dobby sendo agredido fisicamente por pertencer a uma raça específica, mas destaca uma das formas de preconceito veladas: como o discurso da mídia se constrói não com base em fatos, mas sim em um único ponto de vista – o do dominante.

A discussão quanto à inferiorização dos elfos domésticos tem um destaque tão grande na narrativa de *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001a) que possui um capítulo próprio. Nele, Harry, Rony e Hermione vão até a cozinha de Hogwarts e descobrem que tanto Dobby quanto Winky (que foi liberta pelo Sr. Crouch) estão trabalhando lá:

> — Há quanto tempo está aqui, Dobby? — perguntou Harry, quando o elfo serviu o chá para todos.
> — Só há uma semana, Harry Potter, meu senhor! — respondeu Dobby alegremente. — Dobby veio ver o Prof. Dumbledore, meu senhor. Sabe, meu senhor, é muito difícil um elfo doméstico que foi dispensado arranjar outro emprego, meu senhor, muito difícil, mesmo... [...] Dobby viajou o país durante dois anos, meu senhor, tentando encontrar trabalho! Mas Dobby não encontrou nada, meu senhor, porque agora ele quer receber ordenado! [...] Mas a maioria dos bruxos não quer um elfo doméstico que exige ordenado, senhorita. “Isto não é próprio de um elfo doméstico”, dizem eles e batem a porta na cara de Dobby! Dobby gosta de trabalhar, mas quer se vestir e quer receber ordenado, Harry Potter... Dobby gosta de ser livre! [...] Então Dobby teve a idéia, Harry Potter, meu senhor! “Por que Dobby e Winky não procuram um trabalho juntos?” “Onde é que existe trabalho suficiente para dois elfos domésticos?”, pergunta Winky. E Dobby pensa e se lembra, meu senhor! *Hogwarts*! Então Dobby e Winky vieram ver o Prof. Dumbledore, meu senhor e o professor nos contratou!
> Dobby sorriu muito animado e lágrimas de felicidade brotaram, mais uma vez, dos seus olhos.
> — E o Prof. Dumbledore diz que vai pagar a Dobby, meu senhor, se Dobby quer pagamento! (ROWLING, 2001a, p. 300-301).

É notável a dificuldade enfrentada por Dobby para conseguir um novo emprego, visto que agora ele quer ser livre e receber pagamento pelos seus serviços; porém, aparentemente, ele é o único elfo doméstico com sonhos de liberdade, uma vez que os outros elfos que trabalham em Hogwarts, ao ouvir sobre suas ideias, “começaram a se afastar discretamente de Dobby, como se ele tivesse alguma doença contagiosa.” (ROWLING, 2001a, p. 301), mostrando-se totalmente avessos às escolhas feitas por Dobby.

Por serem considerados seres inferiores pelos bruxos e devido à série seguir a perspectiva de Harry Potter, elfos domésticos não possuem lugar de fala na narrativa; nos raros momentos em que aparecem, suas atitudes podem levar o leitor a se questionar quanto à natureza de sua submissão – será que, em sua maioria, eles realmente gostam de servir? Ou sua natureza submissa é resultado de interferência bruxa, de feitiços há muito tempo lançados?

Ao observar a forma como os elfos domésticos são apresentados, sempre alegres por sua servidão, é preciso lembrar que quem possui o domínio do discurso é a classe privilegiada e o lugar de quem fala nunca será igual ao de quem se fala – mesmo que os elfos domésticos pareçam gostar da escravidão a que são submetidos, essa visão é a partir da perspectiva dominante (Harry Potter, personagem focalizador, é um bruxo), o que pode não representar a verdadeira situação dos elfos.

Quanto a prováveis encantamentos lançados a essa raça a fim de dominá-la, em *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003), o leitor é apresentado a mais um elfo: Monstro, herdado por Sirius Black após a morte de sua mãe. Dumbledore, ao falar de Monstro, afirma que os elfos domésticos possuem "encantamentos próprios" que os impedem de desobedecer a seus donos:

> Veja, Monstro não conseguiu nos trair inteiramente. Ele não é Fiel do Segredo da Ordem, não poderia informar aos Malfoy o nosso paradeiro, tampouco os planos confidenciais da Ordem que ele fora proibido de revelar. **Estava impedido por encantamentos próprios à sua espécie**, o que quer dizer que não podia desobedecer a uma ordem direta do seu dono, Sirius. (ROWLING, 2003, p. 671). [grifo meu].

Rowling não se aprofunda mais no assunto e deixa em dúvida como surgiu a obediência cega dos elfos domésticos. Essa origem é relevante e auxiliaria em uma compreensão maior da sociedade bruxa e do papel que cada um desempenha enquanto oprimido/opressor. Mas enquanto essa questão permanece indefinida, a atitude dos bruxos quanto a isso é bem clara – ao invés de auxiliar os elfos no seu reconhecimento como sujeitos, eles se aproveitaram da sua inocência, fidelidade e magia para os seus propósitos dominadores, o que se assemelha ao processo de colonização, quando sociedades inteiras foram decretadas inferiores e selvagens, e por isso dominadas e exploradas, sendo utilizadas para mão-de-obra.

Em *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (ROWLING, 2003) há a constante interferência de Monstro nas cenas, sempre mostrado como uma figura desprezível, e sua presença se torna fundamental no desenvolvimento da narrativa uma vez que Sirius Black se pôs em perigo, vindo a falecer, devido a uma mentira contada por Monstro a Harry:

> — Eu tentei verificar se ele realmente prendera Sirius, fui à sala da Umbridge, falei com Monstro nas chamas do fogão e ele me disse que Sirius não estava em casa, que tinha saído!
> — Monstro mentiu – disse Dumbledore calmamente. — Você não é o dono dele, podia lhe mentir sem precisar se castigar. Monstro queria que você fosse ao Ministério da Magia. (ROWLING, 2003, p. 670).

Assim como Winky em *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001a), Monstro não é um mero coadjuvante na narrativa, mas uma figura central no desenrolar dos fatos, desempenhando um papel de resistência – Monstro é aquele que enfrenta o dominante. Sua personalidade, ainda, vai além da dicotomia "bom x mau", revelando-se complexa:

> — E – sussurrou Harry, as mãos fechadas e frias sobre os joelhos —, e Hermione vivia nos dizendo para sermos bonzinhos com ele...
> — E estava certa, Harry. Alertei Sirius quando adotamos o largo Grimmauld doze como nossa sede, que Monstro devia ser tratado com bondade e respeito. Disse-lhe também que Monstro poderia ser perigoso para nós. Acho que Sirius não me levou a sério, nem nunca encarou Monstro como um ser com sentimentos tão apurados como os de um humano...
> — Não venha culpar... não venha... me falar de Sirius como se... – A respiração de Harry estava presa, não conseguia enunciar as palavras claramente; mas a raiva que diminuíra momentaneamente tornou a arrebatá-lo; não deixaria Dumbledore criticar Sirius. – Monstro é um mentiroso... sujo... merecia...
> — Monstro é o que os bruxos fizeram dele, Harry – disse Dumbledore. – Ele merece compaixão. A vida dele tem sido tão infeliz quanto a do seu amigo Dobby. Foi forçado a obedecer a Sirius porque era o último da família de quem era escravo, mas não sentia a real lealdade pelo dono. E quaisquer que sejam os defeitos do Monstro, devemos admitir que Sirius não fez nada para amenizar a vida dele... (ROWLING, 2003, 672).

Monstro não é um elfo ruim, mas reflete o tratamento cruel que lhe foi infligido por toda vida. Ainda, pela fala de Dumbledore é possível observar como Sirius Black, um dos heróis da narrativa, contribuiu com a manutenção do preconceito ao permanecer na sua posição privilegiada de bruxo e tratar Monstro como um ser inferior.

Em *Harry Potter e o enigma do Príncipe* (ROWLING, 2005) não há a presença constante de elfos domésticos, mas há vários lembretes de como eles são

subjugados. Dentre eles, há menção a uma morte causada por Voldemort cujo principal suspeito era uma elfo doméstica, condenada pelo Ministério da Magia sem maiores indagações apenas por carregar o estigma de ser um elfo:

> — Hepzibá Smith morreu dois dias depois dessa breve cena – comentou Dumbledore, retomando seu lugar e indicando que Harry fizesse o mesmo. – Hóquei, a elfo doméstica foi condenada pelo Ministério por ter envenenado o chocolate noturno de sua senhora, por engano. [...] E tal como no caso de Morfino, o Ministério estava predisposto a suspeitar de Hóquei...
> — ... porque era uma elfo doméstica – conclui Harry. Poucas vezes sentira tanta simpatia pela sociedade que Hermione fundara, o F.A.L.E. (ROWLING, 2005, p. 344).

A cada página a situação exploratória dos elfos domésticos fica mais evidente, chegando ao clímax da objetificação quando o Professor Slughorn oferece uma bebida a Harry e diz que testou todas as garrafas à procura de veneno antes, dando-as a um elfo para beber:

> Slughorn desarrolhou uma das garrafas de vinho que trouxera.
> — Testei *todas* à procura de veneno – garantiu ele a Harry, servindo a primeira garrafa quase toda em uma das canecas tamanho-balde de Hagrid e entregando-a a ele. – Mandei um elfo doméstico provar cada garrafa depois do que aconteceu ao coitado do seu amigo Rupert.
> Harry imaginou a expressão de Hermione se algum dia ela viesse a saber deste abuso contra elfos domésticos, e decidiu que jamais o mencionaria à amiga. (ROWLING, 2005, p. 380).

Assim como no período da colonização, quando o escravo não era visto como um ser humano, os elfos domésticos não são tratados como seres vivos, mas sim coisas, meros pertences dos bruxos, e suas vidas não valem nada. É interessante notar como essa atitude é perpetuada por Harry Potter, Rony Weasley e professores de Hogwarts, o que demonstra como a estruturação social é excludente e ninguém está isento de contribuir para a manutenção do preconceito.

De todos os bruxos da narrativa, apenas Hermione Granger vai de encontro à ideologia escravocrata da sociedade bruxa, enxergando os elfos domésticos em sua invisibilidade, reconhecendo-os como sujeitos ao se colocar igual a eles, e lutando pela sua libertação. Apesar de sua posição privilegiada como bruxa, Hermione é filha de pais trouxas (termo usado para designar os humanos não-bruxos), sendo, então, uma nascida-trouxa; por conseguinte, ela também sofria discriminação por sua condição, uma vez que no topo da pirâmide social estavam

apenas os bruxos puro-sangue, aqueles filhos de ambos pais bruxos. O fato de Hermione ser mestiça pode tê-la levado à *identificação*, “processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades.” (SILVA, 2014, p. 18-19). Assim, Hermione foi capaz de se colocar na condição do outro e sentir empatia, compreendendo a situação de abuso que os elfos domésticos estavam sofrendo.

Em vista do que já foi dito acerca da escravidão dos elfos domésticos e de como os bruxos comumente os tratam como meras criaturas dispensáveis é notável que Dobby, ao se assumir como um elfo livre e exigir pagamento pelos seus serviços, colocando-se na posição de fazer exigências aos bruxos, estava transgredindo as regras sociais. Porém, em uma sociedade hierarquizada tão fortemente, em que apenas Hermione enxerga os elfos como sujeitos, considerando-os dignos de atenção, não há espaço para alguém como Dobby. Desta forma, em *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (ROWLING, 2007, p. 369-370), ao salvar Harry, Rony e Hermione dos Comensais da Morte, Dobby é morto:

> – Seu macaquinho imundo! – vociferou Belatriz. – Como ousa tirar a varinha de uma bruxa, como ousa desafiar os seus senhores?
> – Dobby não tem senhores! – guinchou o elfo. – Dobby é um elfo livre, e Dobby veio salvar Harry Potter e seus amigos!
> [...]
> Ao mergulhar na escuridão, teve um último vislumbre da sala: as figuras pálidas e imóveis de Narcisa e Draco, um risco vermelho que eram os cabelos de Rony, e um borrão de prata que voava, a faca de Belatriz arremessada pela sala contra o lugar em que ele estava desaparecendo...
> [...]
> O elfo oscilou levemente, as estrelas se refletiram em seus grandes olhos brilhantes. Juntos, ele e Harry olharam para o cabo de prata da faca espetada no peito do elfo.
> – Dobby... não... SOCORRO! – berrou Harry em direção ao chalé, às pessoas que se moviam lá. – SOCORRO!
> Ele não sabia nem se importava se eram bruxos ou trouxas, amigos ou inimigos; só se importava com a mancha escura que se espalhava pelo peito de Dobby, e que o elfo estendera os braços finos para Harry com um olhar súplice. Harry segurou-o e deitou-o de lado no capim fresco.
> – Dobby, não, não morra, não morra...
> Os olhos do elfo encontraram os seus e seus lábios se mexeram em um esforço para formar palavras.
> – Harry... Potter...
> E, então, com um tremor, o elfo ficou muito quieto e seus olhos eram apenas grandes globos vítreos salpicados com a luz das estrelas que eles já não podiam ver.

Mesmo após afirmar sua liberdade inúmeras vezes, o fim de Dobby foi o de um elfo doméstico ao dar a vida pelos bruxos.

Michel Foucault (1996, p. 8-9) aponta o discurso como uma das forças que mantém o poder e as instituições. Em *A ordem do discurso*, ele discorre sobre o perigo existente nestes:

> em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.
> Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*.

Logo, onde há um ato linguístico, há falantes privilegiados, exclusão e perpetuação de relações de dominação e poder.

A partir da ideia de “controle social” discutida por Foucault é possível compreender o porquê de Dobby, o único elfo doméstico mostrado na série que queria explicitamente ser livre e era contra a situação a que os elfos eram submetidos, ser morto no sétimo e último livro. Aparentemente não foi apenas Winky que se incomodou com o discurso libertário de Dobby e o achou impróprio e perigoso (ROWLING, 2001a) – ainda não há espaço para um elfo doméstico com um discurso revolucionário de liberdade, que lembre a todos como o racismo e a escravidão continuam sendo perpetuados, nem na sociedade mágica e nem na real.

Após a morte de Dobby só há uma menção significativa aos elfos domésticos durante a batalha em Hogwarts contra Voldemort, quando eles defendem o lugar mesmo que a guerra não seja deles e que, independentemente do lado que ganhar, eles continuarão sendo hierarquizados, escravizados e maltratados:

> Eles cortavam e furavam os tornozelos e canelas dos Comensais da Morte, seus pequenos rostos brilhando de malícia, e, por onde quer que Harry olhasse, os Comensais estavam se dobrando à superioridade dos números, vencidos pelos feitiços, arrancando flechas dos ferimentos, esfaqueados nas pernas pelos elfos, ou, simplesmente, tentando fugir, mas engolidos pela horda invasora. (ROWLING, 2007, p. 571).

Apesar da vitória contra Voldemort, a série termina sem haver qualquer mudança significativa na situação dos elfos domésticos, pois apesar de todos os esforços de Hermione Granger em chamar atenção para a realidade deles, os

bruxos não se sentem inclinados a sair de sua zona de conforto e muito provavelmente continuaram tratando os elfos como meras criaturas dispensáveis.

A obra de J. K. Rowling proporciona muitas possibilidades de discussão e problematização e, assim como uma narrativa multicultural, ela trabalha com o plural estando atenta às relações de poder. Ainda, apesar de ser uma narrativa ficcional, *Harry Potter* é uma metáfora do mundo real, englobando a multiculturalidade existente na nossa própria sociedade. Mas se os elfos domésticos são uma metáfora para um grupo social, que grupo seria esse?

3.4 ELFOS DOMÉSTICOS E A SOCIEDADE BRITÂNICA

Todorov (2010b) afirma que todas as grandes obras demandam uma reflexão quanto a sua relação com a natureza humana, pois narrativas remetem não apenas a outros escritos, mas à relação do homem consigo mesmo e com os outros. Ao discorrer sobre *Harry Potter* é possível depreender que a série proporciona um pensamento crítico quanto à hierarquização social por ser uma alegoria da realidade e que os elfos domésticos representam uma minoria objetificada, oprimida, invisível, que não possui os mesmos direitos que o resto da população.

J. K. Rowling é britânica, e embora a história nacional da Grã-Bretanha propague a ideia de que havia uma cultura homogênea e unificada até a chegada dos imigrantes, na verdade ela é o resultado de inúmeras conquistas, invasões e colonizações. Porém, apesar da variedade de culturas e do “outro” ser elemento constitutivo da identidade britânica, com a chegada dos caribenhos no século dezesseis e dos asiáticos no século dezoito houve uma reconfiguração das relações de domínio colonial que culminou com motins racistas, entre eles um atentado em Nothing Hill, em 1958, provocado por jovens brancos, e outro em 1981, em Brixton, provocado por policiais que se viam no direito de revistar e prender qualquer um que eles considerassem “suspeito” (HALL, 2003; ALEIXO, 2011).

A noção de “eu” é dependente da existência do “outro”, e o contraste entre branco e negro sempre esteve presente na Europa. Said (1990, p. 19) aponta esse contraste ao destacar como a “ideia de Europa” é hierarquizante e excludente,

identificando “nós” europeus superiores em comparação a todos “aqueles” povos e culturas não-europeus. Sendo o impulso pelo poder fundamental na história europeia, pode-se inferir que os elfos domésticos são uma metáfora para os não-britânicos e não-brancos, ou seja, os imigrantes.

Como a identidade é relacional e marcada pela diferença, ao se colocarem como superiores, os bruxos (bem como os britânicos) hierarquizam a sociedade, uma vez que alguém só pode pertencer a um *status* alto se houver quem preencha o inferior, e esse binarismo reforça ainda mais a exploração do outro por legitimá-la, pois a diferença é sustentada pela exclusão. Segundo Aleixo (2011, p. 61), esse binarismo justificou toda a exploração sofrida pelos negros:

> A força do discurso hierarquizante do europeu na empreitada colonial, através da fixação do negro colonizado como um ser inferior criou o binarismo branco civilizado/negro primitivo que serviu de justificativa para a exploração econômica e política das colônias em sua missão civilizatória.

E o mesmo ocorreu com os elfos domésticos. A sua deliberada exclusão social foi justificada pelo binarismo “bruxo superior X elfo inferior”, o que legitimou a forma como eles eram tratados.

Ainda, deter o privilégio de classificar é deter o privilégio de atribuir valores, o que significa hierarquizar a sociedade e escolher para si somente os positivos, algo que pode ser observado tanto dentro da sociedade branca britânica com o binarismo “brancos X não-brancos”, quanto na sociedade fictícia de *Harry Potter*, onde os bruxos se colocam como a norma, como detentores de qualidades, superiores a outras criaturas.

Outro ponto pertinente a ser comentado é que, assim como as famílias bruxas ricas são dependentes dos elfos domésticos para servi-los, a sociedade branca britânica também depende dos não-brancos para mão-de-obra barata e serviço braçal, mas não há representantes dessas minorias em cargos altos ou de chefia (BRAH, 1996; STEINBERG, 2009). Hall (2003, p. 64) ainda aponta a dificuldade que os imigrantes enfrentam ao procurar emprego, mesmo quando altamente qualificados:

> Em geral, os imigrantes encontravam condições de moradia precárias e empregos mal remunerados e não especializados nas cidades e regiões industriais. [...] Em termos gerais, a maioria se concentra na extremidade

> inferior do espectro social de privação, caracterizada por altos níveis relativos de pobreza, desemprego e insucesso educacional. [...]
> Alguns indianos, asiáticos da África Oriental e chineses, apesar de altamente qualificados, têm enfrentado o "teto de vidro" do bloqueio à promoção nos níveis superiores da carreira profissional.

Essa dificuldade encontrada pelos imigrantes foi exemplificada na série *Harry Potter* através do personagem Dobby, que ao se tornar um elfo livre que exigia salário não encontrou mais nenhuma família a quem pudesse servir (ROWLING, 2001a). Ainda, a liberdade de Dobby foi vista com maus olhos pelos bruxos, pois a partir desse momento ele se fez presente, ele passou a existir, a se reconhecer como sujeito e se impor, mudando as estruturas sociais pré-estabelecidas. Como consequência, a atitude de todos à sua volta foi equivalente à encontrada quando um negro ou imigrante aspira a um grande cargo social – tentaram dissuadi-lo, aconselhando-o a voltar à posição inferiorizada que pressupõem que ele deveria ocupar.

É possível notar que os imigrantes (bem como os elfos domésticos) só podem fazer parte do mesmo meio que os britânicos (representados pelos bruxos) se permanecerem invisíveis, se não forem reconhecidos como sujeitos. Apesar da escravidão ter sido extinta por lei, há atualmente outra forma desta, a escravidão moderna, que se caracteriza por condições de trabalho forçado análogas à escravidão. Ao comparar a realidade dos elfos domésticos com a dos imigrantes britânicos é perceptível como ela se assemelha à escravidão moderna, uma vez que há posse de um sobre outrem, privando-o da sua liberdade individual ao explorá-lo.

Mas como é mais fácil falar sobre situações de opressão do que agir para que elas sejam extintas, em *Harry Potter* apenas Hermione Granger se comove com a situação dos elfos domésticos. Desta forma, a série de Rowling mostra como até os heróis da narrativa estavam envoltos na manutenção da escravidão, demonstrando que qualquer um pode perpetuar esse pensamento contribuindo para a sua manutenção, mesmo que indiretamente. Há muitos "bruxos" na sociedade que mantém "elfos domésticos" acorrentados tanto de forma física quanto psicológica; há muitos "Ronys" que acreditam não há nada de errado, já que a situação não acarreta nenhum problema para si mesmo, sendo essa a ordem natural de sua comunidade; há muitos "Harrys" que ajudam um único indivíduo, como Dobby, mas não percebem que ele é refém de um sistema maior e que há muitos outros que também precisam de ajuda; é necessário que haja mais "Hermiones" que, além de perceber as formas

de preconceito e como elas se reforçam na estruturação da sociedade, tomam atitudes concretas pensando em outrem, sem ganhar nada em troca.

A série *Harry Potter* termina sem haver melhoras significativas na condição em que os elfos domésticos vivem, o que também reflete a sociedade europeia: apesar de toda a discussão até hoje acerca do racismo e preconceito, a posição dos não-britânicos não-brancos continua sendo abaixo da média se comparada à dos britânicos brancos.

A partir da compreensão da complexidade da figura dos elfos domésticos e dos possíveis questionamentos críticos fundamentados nessa percepção é necessário pensar nessas possibilidades além do livro, uma vez que a sociedade é composta por uma diversidade semiótica.

4 *EVANESCO*[17]: O DESAPARECIMENTO DAS QUESTÕES MULTICULTURAIS

> São as nossas escolhas, Harry, que revelam o que realmente somos, muito mais do que as nossas qualidades.
>
> *Harry Potter e a câmara secreta*, p. 280.

O presente capítulo tem por objetivo uma análise intersemiótica dos elfos domésticos considerando sua aparição na série impressa *Harry Potter* e sua transposição para a narrativa fílmica. Para tal, discute-se a forma como o mundo bruxo é estruturado nos filmes, as mudanças que os elfos domésticos sofreram nas adaptações, suas implicações, e a relação das multimodalidades com a indústria cultural, visto que essas alterações não são neutras.

Como foi possível depreender pela análise já feita, a série *Harry Potter* proporciona diálogo e reflexão ao abordar um tema tão antigo, mas ao mesmo tempo tão atual como é o caso do racismo e da escravidão, o que pode resultar em uma apreciação às questões culturais.

Porém, tendo em mente que a sociedade funciona a partir da diversidade de mídias, o debate e o pensamento crítico não deve ser instigado somente através do texto escrito, mas “é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam.” (ROJO, no prelo, p. 7). Assim, faz-se necessário pensar pela perspectiva das multimodalidades, que se caracteriza por diferentes semioses como produtoras de sentido do texto:

> o conceito de multimodalidade torna-se imprescindível para analisar a inter-relação entre texto escrito, imagens e outros elementos gráficos, além de possibilitar a compreensão dos sentidos sociais construídos por esses textos, bem como a sua importância nas práticas de letramento.
> Nesse mundo multimodal em que a imagem tem sido um elemento constitutivo da representação da realidade social, só a leitura do texto verbal não é suficiente para a produção de sentidos. É preciso, portanto, novos letramentos que desenvolvam capacidades específicas de leitura de imagens e outras semioses. (OLIVEIRA, 2013, p. 2).

---

[17] *Evanesco* é o feitiço utilizado para desaparecer com algo (ROWLING, 2003).

Desta forma, o texto escrito não é mais o centro, possuindo em si todo o sentido, mas se combina com diferentes modalidades semióticas para produzir significados maiores do que cada uma delas em separado (CATTO, 2013; LEMKE, 2010; OLIVEIRA, 2013). Segundo Kress & Van Leeuwen (1996; 2001), no texto multimodal o significado será alcançado por meio de mais de um código semiótico; assim, é indispensável um novo saber – o de lidar com o funcionamento hipertextual do texto contemporâneo (ROJO, no prelo).

Tratando-se de uma adaptação cinematográfica não é possível usar o mesmo parâmetro de análise literário, visto que filmes possuem suas especificidades, e por isso torna-se necessário dedicar um tópico à compreensão da adaptação.

4.1 ADAPTAÇÃO OU TRADUÇÃO?

Ao abordar os filmes da série *Harry Potter*, o primeiro questionamento que surge refere-se à nomenclatura: seriam eles adaptações ou traduções do texto-fonte?

Para Diniz (2005, p. 19),

> como grande parte dos filmes é constituída de narrativas, a relação mais comum veio a ser a adaptação como tradução, ou seja, a história narrada na literatura traduzida para o cinema. Nesse sentido, a tradução seria definida como um processo de procura de equivalentes, ou melhor, de procura de um signo em outro sistema semiótico, o cinema, que tenha a mesma função que o signo no primeiro sistema.

Essa visão faz com que o texto-fonte possua autoridade, sendo grande parte das comparações referentes à fidelidade da obra. É preciso esclarecer que esse não é o objetivo deste trabalho, pois literatura e cinema possuem funções narrativas próprias e precisam ser vistas dentro de seu contexto; ainda, há inúmeros enredos e personagens existentes no texto escrito, o que deixaria um filme comercial muito longo (THOMPSON, 2003). Assim, embora o procedimento de transposição da matéria narrativa seja uma tradução, optou-se por utilizar aqui a definição de

adaptação, que segundo Hutcheon (2011, p. 40) engloba “uma recodificação num novo conjunto de convenções e signos.”

Desta forma, não é esperado que os filmes sejam idênticos aos livros, mas as modificações feitas nas adaptações não são neutras e livres de implicações ideológicas e podem ser discutidas e questionadas. Ao trabalhar as multimodalidades é importante ter como objetivo o pensamento crítico, que mapeará toda a discussão.

Conforme Dionisio (2007), imagem, fala e escrita compondo um texto possibilitam mudanças substanciais na forma de elaborar sentido e significados, já que o uso das multimodalidades enseja uma extensão na compreensão do texto, que abarca um grande leque de elementos semióticos. À vista disso, é possível observar quais modificações ocorrerão ao agregar a adaptação cinematográfica de *Harry Potter* na construção de sentido da obra.

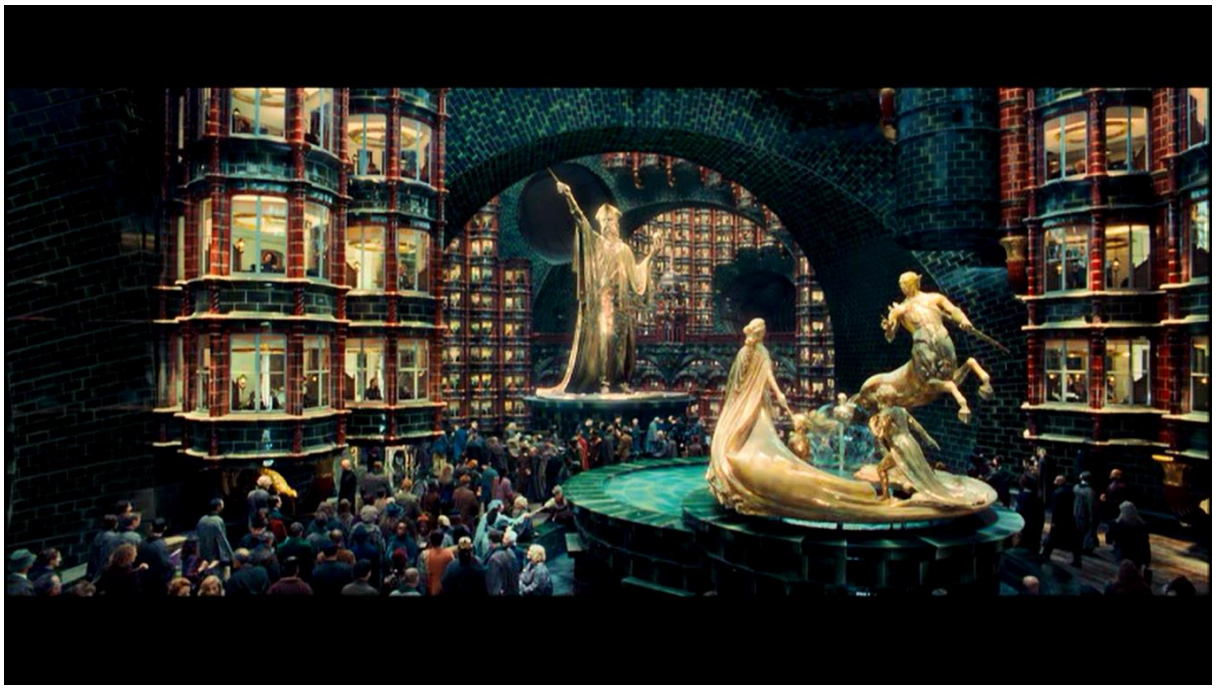
4.2 MAGIA E PODER NOS FILMES

Assim como nos volumes escritos por Rowling, nas adaptações fílmicas a sociedade bruxa também é estruturada de forma hierarquizada, sendo os bruxos detentores de poder, possuindo destaque na narrativa, enquanto as outras criaturas são meros coadjuvantes. Porém, enquanto a superioridade dos bruxos é questionada em diversos momentos nos livros da série, esse tema constantemente fica em segundo plano nos filmes, chegando ao ponto de ser nulo em algumas películas.

Quanto à narratologia, enquanto nos livros o foco narrativo predominantemente se limita ao personagem Harry Potter, nos filmes não há essa interferência de um personagem focalizador; Potter é o personagem principal da trama, porém não funciona como um filtro pelo qual se vê os acontecimentos.

No filme *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2007, 0:19) a cena de entrada no Ministério da Magia foi condensada na seguinte imagem, que tem duração de segundos:

Imagem 1 – Ministério da Magia



Pela imagem acima nota-se que não há destaque para as estátuas; logo, não é possível observar o olhar de adoração do centauro, do duende e do elfo doméstico para o bruxo, nem uma possível submissão, o que denunciaria a estruturação social pelo ponto de vista bruxo. Novamente a cena diz muito, mas dessa vez a respeito da perspectiva da plataforma em questão – enquanto nos livros há grande destaque para a hierarquização social, nos filmes o assunto passa despercebido ou como um tema menor.

Um dos raros momentos em que é possível perceber com clareza a superioridade bruxa é quando Dolores Umbridge ofende os centauros, chamando-os de “criaturas de inteligência quase humana” e “mestiço nojento”, colocando-se, assim, acima deles (*Harry Potter e a Ordem da Fênix*, 2007, 1:42). No entanto, Umbridge é caracterizada como uma bruxa má e cruel, o que faz com que a sua atitude soe mais como parte de sua personalidade e não de toda uma construção social.

Enquanto a relação bruxa com os centauros só aparece na cena mencionada, toda problematização acerca do tratamento que os duendes recebem da comunidade bruxa foi considerado irrelevante e retirado das adaptações fílmicas da série. Ainda, quando há aparição dos duendes nos filmes, eles são retratados como gananciosos e individualistas, como em *Harry Potter e as Relíquias da Morte: parte*

2 (2011, 0:05), quando Grampo exige a espada de Gryffindor como recompensa para ajudar Harry Potter, mesmo após o menino ter acabado de salvar sua vida.

Ao contrário do filme, que passa uma imagem negativa dos duendes, no livro (ROWLING, 2007, p. 393-394) o leitor é informado de que ao ajudar Harry e seus amigos a entrar em Gringotes, Grampo estará traindo toda a sua raça, mas mesmo assim ele aceita fazê-lo, e o pedido pela espada nada mais é do que a vontade de retorná-la à raça que lhe forjou e a quem ela pertenceu antes de ser roubada:

> – Ainda que os duendes de Gringotes considerem isso uma vil traição, decidi ajudá-lo...
> – Que ótimo! – exclamou Harry, o alívio percorrendo-lhe o corpo. – Grampo, obrigado, estamos realmente...
> – ... mediante – continuou o duende, com firmeza – pagamento.
> Ligeiramente surpreso, Harry hesitou.
> – Quanto você quer? Tenho ouro.
> – Não em ouro. Tenho ouro.
> Seus olhos negros cintilaram, e neles não se viam córneas brancas.
> – Quero a espada. A espada de Godrico Gryffindor.
> O ânimo de Harry despencou.
> – Não posso lhe dar isso. Lamento.
> – Então – disse o duende, mansamente –, temos um problema.
> – Podemos lhe dar outra coisa – disse Rony, ansioso. – Aposto como os Lestrange têm um montão de coisas, pode escolher o que quiser quando entrarmos no cofre.
> Acabara de dizer a coisa errada. Grampo corou encolerizado.
> – Não sou ladrão, moleque! Não estou tentando obter tesouros a que não tenho direito!
> – A espada é nossa...
> – Não é – respondeu o duende.
> – Somos da Grifinória, e ela pertenceu a Godrico Gryffindor...
> – E antes de Gryffindor, a quem ela pertenceu? – indagou o duende, aprumando-se.
> – A ninguém – respondeu Rony. – Foi fabricada para ele, não?
> – Não! – exclamou o duende, encrespando-se e apontando um longo dedo para Rony. – Outra vez a arrogância dos bruxos! Aquela espada era de Ragnok, o Primeiro, e lhe foi tomada por Godrico Gryffindor! É um tesouro perdido, uma obra-prima do artesanato dos duendes! Pertence aos duendes! A espada é o preço pelo meu serviço, é pegar ou largar!
> [...]
> – É verdade? – perguntou Harry a Hermione. – A espada foi roubada por Gryffindor?
> – Não sei – disse ela, desanimada. – **A história dos bruxos com frequência passa por cima do que fizemos a outras raças mágicas**, mas nunca li que Gryffindor tivesse roubado a espada.
> – Deve ser uma dessas histórias de duendes – disse Rony – que contam que os bruxos vivem querendo passá-los para trás. Suponho que devemos nos dar por felizes que ele não tenha pedido uma de nossas varinhas.
> **– Os duendes têm boas razões para não gostar dos bruxos, Rony – lembrou Hermione. – Foram tratados com brutalidade no passado.** [grifos meus].

A fala em questão leva a alguns questionamentos, como a veracidade dos fatos narrados por Grampo, por exemplo. No entanto, tendo em mente que são os duendes que possuem a habilidade de forjar metais, uma vez que bruxos não dominam a técnica, e que, como Hermione Granger bem ressalta, a história dos bruxos apaga toda a brutalidade feita com as outras raças, há a possibilidade de que a espada do corajoso e respeitado bruxo Gryffindor na verdade originalmente tenha pertencido a um duende e tenha sido roubada dele. Mais além, vê-se que Rony possui a atitude padrão de um bruxo ao questionar a veracidade dos fatos somente com base na raça de Grampo, servindo assim à manutenção do preconceito e da hierarquia existente entre bruxos e duendes.

Se a problematização acerca da estrutura social do mundo bruxo no que diz respeito a centauros e duendes foi resumida a rápidas cenas que não possibilitam um olhar crítico à supremacia bruxa, o tratamento que os elfos domésticos receberam nas adaptações não foi muito diferente, como pode ser observado a seguir.

4.3 OS ELFOS DOMÉSTICOS NOS FILMES

Ao fazer uso de uma adaptação cinematográfica como *corpus* do trabalho é preciso destacar não só o discurso de cada personagem, mas a construção da cena como um todo, associando as questões técnicas à construção narrativa do filme, e isso inclui trilha sonora, *takes* de câmera, posição dos atores e todo o ritual presente a fim de transmitir em uma imagem o que a obra se propõe. Logo, não é possível empregar o mesmo parâmetro de análise dos livros uma vez que há diferenças semióticas – enquanto um segue a lógica da escrita ao contar a narrativa, o outro segue a lógica da imagem ao mostrá-la visualmente.

A leitura do filme deve envolver as diferenças epistemológicas implícitas e a compreensão de que, enquanto o texto escrito é aberto a um número maior de interpretações, o imagético não o é. Segundo Kress (2003), é necessária uma precisão na representação de imagens já que a léxis não permite interferência do

leitor; no entanto, essa afirmação se perde pelo fato de que a própria seleção de imagens já pode manipular os sentidos, pois apenas um ponto de vista é retratado.

Em relação à situação escravocrata a que os elfos domésticos são submetidos, como é possível depreender pelos apontamentos já feitos, na narrativa de Rowling há uma posição dominante muito forte no mundo bruxo, fazendo com que os elfos sejam objetificados e por isso possuam uma postura submissa e recatada. Assim como no texto-fonte, na adaptação fílmica da série *Harry Potter* os elfos domésticos não possuem lugar de fala, sendo imprescindível que a sua aparência e atitudes exprimissem a submissão.

Porém, na primeira aparição de Dobby na adaptação cinematográfica *Harry Potter e a câmara secreta* (2002, 0:03), Harry se depara com um elfo doméstico dando risadas e pulando em sua cama, uma postura bem distinta da apresentada na narrativa enquanto texto escrito:

Imagem 2 – Primeira aparição de Dobby

Imagem 3 – Paleta de cores da imagem 2

Ao retratar Dobby como um elfo feliz, a adaptação cinematográfica ameniza o seu sofrimento e ofusca a situação escravista a que ele é sujeito; mais além, a paleta de cores utilizada na cena, com predominância de tons terrosos, transmite calma e segurança ao telespectador. Desta forma, apesar de Dobby dizer explicitamente que nunca foi tratado por um bruxo como um igual (2002, 0:04), a cena segue com ele batendo a própria cabeça em uma cômoda para se autopunir, e Potter apenas o observa e pede para não fazer barulho, o que faz com que o momento tenha um ar mais leve e cômico do que reflexivo, uma vez que o elfo não reclama de dor ou demonstra estar machucado.

Já na segunda aparição do elfo doméstico na narrativa fílmica (2002, 0:59), embora Dobby aparente felicidade por estar conversando com Harry Potter, ele fala que passou ferro quente nas próprias mãos como forma de punição, que vive sob ameaças, e que sempre foi tratado como um verme – demonstrando que a luta contra Voldemort é feita por bruxos e para os bruxos, afinal, a situação dos elfos domésticos é a mesma independentemente de quem toma o poder; logo, a cena é visualmente construída com tons mais escuros na paleta de cores.

Mas esse momento sóbrio tem uma quebra quase cômica com Dobby escorregando no chão, chorando alto e assoando o nariz nas suas vestes (2002, 1:00):

Imagem 4 – Dobby chorando

Imagem 5 – Paleta de cores da imagem 4

Ainda, Dobby bate com uma garrafa em sua própria cabeça por ter dito mais do que deveria (2002, 1:01). Tem-se, então, o padrão: Dobby aparece feliz > Dobby fala de assuntos sérios referentes à escravidão e à forma como é tratado > Dobby se autopune de alguma forma hilária, tornando o ar pesado da situação (reafirmado não só pela conversa, mas pela paleta de cores desta cena), em cômico.

Enquanto o filme em questão foi lançado no Brasil com classificação etária livre, nos Estados Unidos a classificação foi “PG”, o que significa que, embora a película seja para todas as idades, é recomendado o acompanhamento dos pais no caso de crianças. Abordar autolesão é complexo tratando-se de um filme direcionado ao público infantil, o que poderia justificar a opção pelo tom mais cômico nos momentos em que Dobby aparece.

No entanto, essa justificativa se perde ao observar que cenas de ação que envolvem a figura dos bruxos foram retratadas de forma mais violenta do que no

livro. Um exemplo é quando Harry e Rony são atacados por uma colônia de acromântulas (aranhas monstruosas dotadas de fala humana): enquanto no texto-fonte os meninos entram no carro do Sr. Weasley, que funciona por mágica e os tira do perigo (ROWLING, 2000b), na película Rony é atacado por uma aranha, que o agarra pelo pescoço (2002, 1:48):

Imagem 6 – Rony sendo estrangulado

Imagem 7 – Paleta de cores da imagem 6

Apesar da cena ter uma paleta de cores escuras, o que dificulta um pouco o discernimento do que realmente ocorre neste momento, os tons frios, que na narrativa aparecem em momentos de perigo, os gritos de Rony e os sons da aranha demonstram o ataque. Desta forma, é perceptível que a invisibilidade dos elfos domésticos não está relacionada a uma preocupação quanto à violência em uma narrativa fílmica direcionada ao público jovem, mas dá-se devido a outro motivo.

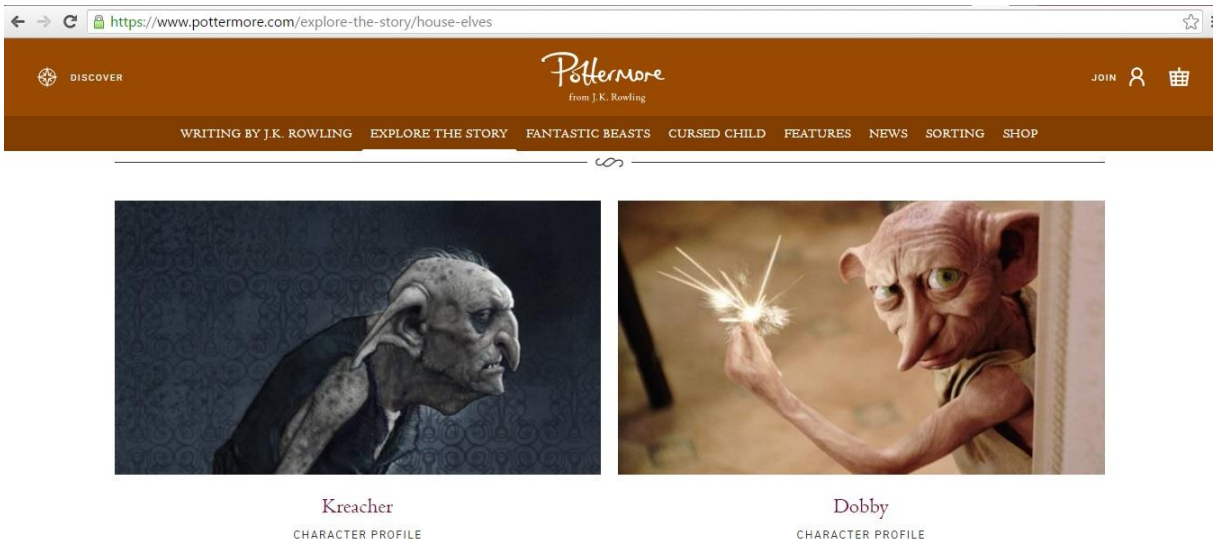
Steinberg (2009), ao dar exemplos de como trabalhar a diversidade e o multiculturalismo através de narrativas cinematográficas, afirma que todo filme é

político e possui uma mensagem, e a adaptação de *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2005) revela que ela talvez não esteja equivocada, pois as escolhas quanto ao que é mostrado e à forma como é mostrado podem não ser inocentes, mas cuidadosamente pensadas para atingir um objetivo.

Na série escrita por Rowling, após *Harry Potter e a câmara secreta* (ROWLING, 2000b), a aparição de um elfo doméstico dá-se em *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001a) com Winky, personagem que levou Hermione Granger a questionar a ausência de direitos dos elfos e sobre a qual gira toda a questão discriminatória e escravista discutida no livro. Porém, apesar do destaque que os elfos domésticos recebem nessa narrativa, nenhum deles aparece na adaptação cinematográfica da obra (2005). Como os elfos não estão presentes, a problematização acerca do tratamento a que esses seres são submetidos, sobre preconceito, relações desiguais de poder e hierarquização entre raças também não ocorre, e quem só assistiu os filmes nem tem conhecimento de que Hermione cria o F.A.L.E., Fundo de Apoio à Liberação dos Elfos.

É importante ressaltar que Winky, que possui um papel central no desenrolar de *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (ROWLING, 2001a), não sofreu um apagamento somente na adaptação cinematográfica, mas também no *website* oficial da série: www.pottermore.com. Ao procurar na página por “house-elves”, o vocábulo equivalente a elfos domésticos em inglês, só há duas opções: Kreacher (traduzido na versão brasileira como Monstro) e Dobby:

Imagem 8 – Pottermore



Fonte: https://www.pottermore.com/explore-the-story/house-elves

Apesar do foco do trabalho não incluir uma análise sobre a página oficial da série, é notável o esforço para silenciar as vozes que almejam uma crítica cultural e social. Winky, que impulsionou toda a discussão sobre racismo e escravidão, não teve lugar fora dos livros.

Ao assistir aos filmes da série *Harry Potter* ou acessar o conteúdo oficial disponível na plataforma *online* não há aproximação de certas questões discutidas na obra, pois essas situações – principalmente as que dão voz às minorias – não são representadas no material direcionado ao entretenimento, que somente reproduz o discurso dominante. Assim, a direção de *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2005) optou por fazer do filme uma história de amor em detrimento de uma luta contra o preconceito e a escravidão, não abrindo espaço para o reconhecimento das diferenças e o questionamento crítico.

Após a curta aparição de Dobby em *Harry Potter e a câmara secreta* (2002), o espectador só terá contato novamente com um elfo doméstico na narrativa fílmica em *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2007, 0:12) com a figura de Monstro, que é apresentado reclamando dos bruxos mestiços que se encontram na casa. Monstro é um elfo amargurado que possui aversão a qualquer bruxo que não seja puro-sangue (filhos de famílias inteiramente compostas por bruxos), linhagem considerada nobre pelos mais conservadores:

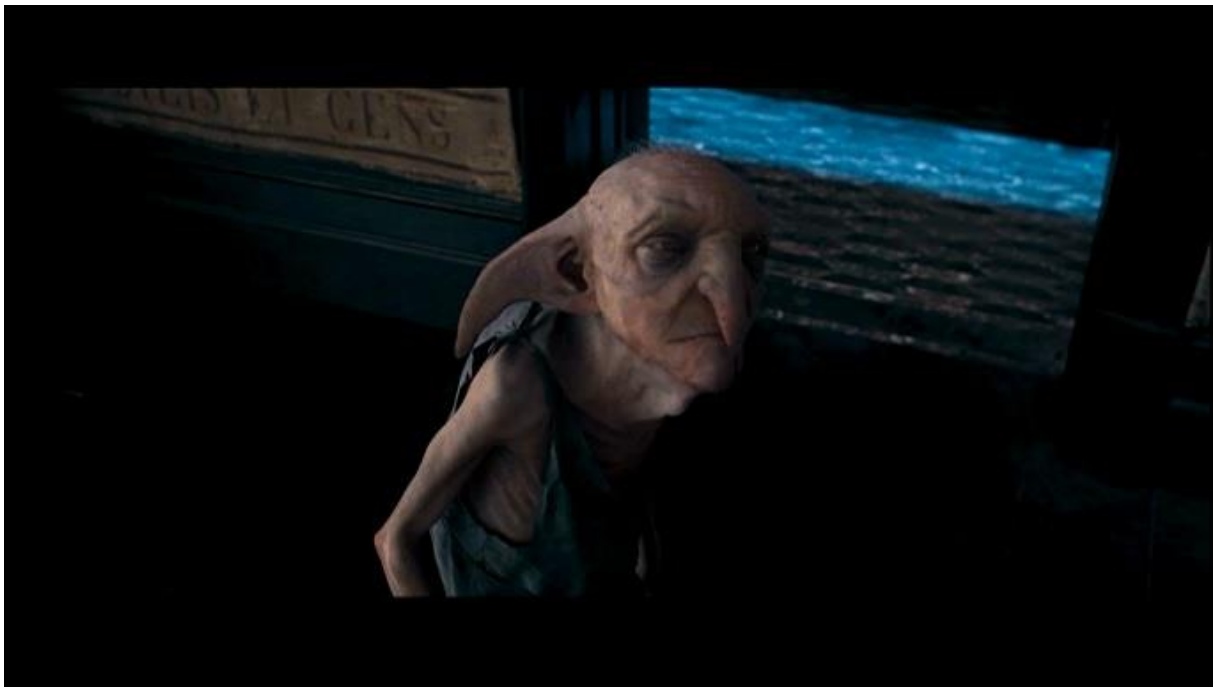
Imagem 9 – Primeira aparição de Monstro

Imagem 10 – Paleta de cores da imagem 9

Nota-se, primeiramente, a paleta de cores escuras, marca característica das adaptações fílmicas da série *Harry Potter*, presente nos momentos mais sombrios da narrativa, o que já caracteriza Monstro como um ser ligado às trevas. Ainda, combinado ao fato de que Monstro está praguejando contra todos os bruxos que não são puro-sangue, a música de fundo é elevada gradualmente conforme Harry se aproxima, e a trilha sonora junto do ranger da escada e o barulho da porta se fechando deixa a cena com um ar mais soturno. Por fim, apesar de Monstro estar presente, ele é mostrado em segundo plano, pequeno, sem enfoque na cena, que por ser composta de tons escuros, deixa o elfo como um mero detalhe.

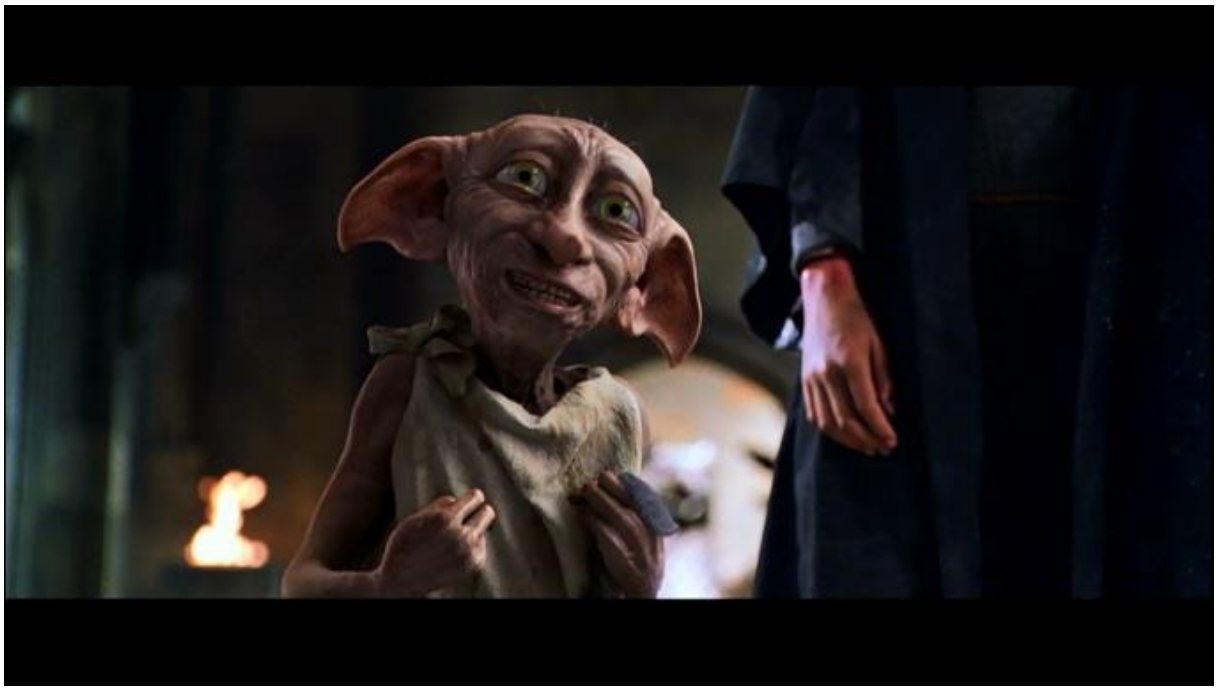
Monstro aparece novamente em *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2007, 1:12-1:13) reafirmando sua figura de elfo “mau” ao confrontar Harry Potter e chamá-lo de “amigo dos sangues-ruins e malditos traidores”:

Imagem 11 – Segunda aparição de Monstro



Neste momento é possível observar como a personalidade de Monstro é expressa fisicamente na sua figura: Monstro possui longas orelhas que apontam para baixo, bem como o seu nariz, o que lhe dá uma expressão carrancuda; sua boca também possui um desenho que demonstra tristeza ou infelicidade. Em contrapartida a Monstro, Dobby, considerado um elfo doméstico “bom”, possui nariz empinado, sorri, e suas orelhas se movimentam de acordo com o seu humor (*Harry Potter e a câmara secreta*, 2002, 2:25):

Imagem 12 – Dobby



A clara diferença entre os personagens Dobby e Monstro nos filmes da série remete a dois grandes estereótipos referentes aos escravos, que são o “escravo fiel”, papel designado a Dobby e o “escravo revoltado”, representado por Monstro. Enquanto a narrativa dos livros retoma a discussão sobre os elfos domésticos em inúmeros momentos, o que faz com que o leitor se aproxime de sua realidade e compreenda até mesmo as atitudes repulsivas de Monstro: “Que significam as guerras bruxas para um elfo como Monstro? Ele é leal àqueles que são bons para ele, e a Sra. Black deve ter sido boa, e Régulo certamente o foi, portanto ele os servia de boa vontade e repetia as crenças deles.” (ROWLING, 2007, p. 158), os filmes não só invisibilizam a situação dos elfos domésticos como reafirmam Monstro como um ser “mau” ao invés de leal àqueles que lhe tratam com bondade, reafirmando os estereótipos já há tempos reproduzidos pelo cinema.

Após esses dois momentos protagonizados por Monstro, não há qualquer outra menção aos elfos domésticos ao longo do filme e nem na película seguinte, *Harry Potter e o enigma do Príncipe* (2009), demonstrando novamente o apagamento que eles receberam e como se tornaram meros coadjuvantes do protagonismo bruxo. Mais além, é notável como as adaptações cinematográficas da série reforçam a importância de personagens bruxos na vida dos elfos, tirando o foco do oprimido (elfos domésticos) e colocando-o no opressor (bruxos), o que pode

ser comprovado pela cena que retrata a morte de Dobby no filme *Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 1* (2010, 2:09):

Imagem 13 – Dobby morrendo (figura 1)

Na imagem acima a presença de Harry Potter é destacada tanto verbalmente quanto visualmente: Dobby se refere a Harry como sendo seu amigo por duas vezes antes de morrer, dizendo estar feliz por estar com ele, o que faz com que haja um enfoque maior na presença de Potter do que na morte do elfo doméstico; ainda, a figura do bruxo é reafirmada de forma visual pois é Harry Potter quem está em evidência na imagem, enquanto Dobby é mostrado apenas na parte inferior da tela. O mesmo se repete durante toda a cena (2010, 2:10):

Imagem 14 – Dobby morrendo (figura 2)

O filme não enfatiza o fato de um elfo doméstico ter sido tão leal a ponto de morrer por um bruxo (um estereótipo já comum tanto na literatura quanto no cinema – o do subalterno que morre pelo dominante, e por isso sua imagem permanece imaculada como um ser bondoso), mas sim o fato de Harry Potter ser tão bom a ponto de velar um elfo, tirando o foco de Dobby e colocando-o em Potter.

A deliberada exclusão e invisibilidade dos elfos domésticos nas adaptações cinematográficas não é apenas uma mudança na trama, mas altera a personalidade das personagens, como a de Hermione Granger, por exemplo. O discurso de Granger no texto-fonte é cada vez mais político e ela só se sente inclinada a beijar Rony no último livro da série quando ele demonstra ver os elfos domésticos como sujeitos:

> – Calma aí um instante! – disse Rony, com energia. – Esquecemos alguém!
> – Quem? – perguntou Hermione.
> – Os elfos domésticos, devem estar lá embaixo na cozinha, não?
> – Você quer dizer que devíamos pôr os elfos para lutar? – perguntou Harry.
> – Não – respondeu Rony, sério –, devíamos dizer a eles para dar o fora. Não queremos outros Dobbys, não é? Não podemos manda-los morrer por nós...
> Houve um estrépito quando os dentes de basilisco caíram em cascata dos braços de Hermione. Correndo para Rony, ela se atirou ao seu pescoço e chapou-lhe um beijo na boca. (ROWLING, 2007, p. 486).

Enquanto na adaptação, *Harry Potter e as Relíquias da Morte: parte 2* (2011, 0:52), a cena se resume aos dois se beijarem após destruírem uma Horcrux (objeto mágico que guarda um pedaço da alma do bruxo que o criou), descaracterizando o momento altruísta de Rony e como sua atitude foi relevante aos olhos de Hermione:

Imagem 15 – cena do beijo[18]

Por fim, os elfos domésticos não têm participação na batalha de Hogwarts, estando ausentes do filme *Harry Potter e as Relíquias da Morte: parte 2* (2011).

A adaptação cinematográfica da série *Harry Potter* não é uma construção melhor ou pior do que o texto-fonte, é apenas uma nova construção na qual não existe a problemática dos elfos domésticos. A questão aqui é: por quê?

Narrativas são poderosas, podendo reforçar ou se contrapor a regras sociais, e nenhum discurso é neutro ou livre de implicações ideológicas. Desta forma, faz-se necessário analisar as ideologias implícitas nas alterações feitas nas adaptações fílmicas.

[18] Como a cena ocorre após a destruição de uma Horcrux, objeto repleto de magia negra, a paleta de cores é extremamente fria e escura, o que pode atrapalhar a visibilidade do leitor nesta análise. Por isso, a mesma cena foi clareada e encontra-se em *Prior Incantato* (anexo).

4.4 INDÚSTRIA CULTURAL

Com a crescente apropriação dos diferentes meios de comunicação de massa do mercado editorial, há um aumento do número de autores que tiveram seus livros adaptados para diversas mídias, principalmente as visuais, como o cinema e a televisão.

Porém, essa constante expansão narrativa não está ligada a uma preocupação com as multimodalidades, mas trata-se de uma visão mercadológica para expandir os lucros:

> As motivações econômicas da aproximação da literatura com o campo das mídias audiovisuais são por demais conhecidas. Para o mercado de bens culturais, o reaproveitamento das matérias ficcionais disponíveis, sua distribuição por plataformas diversas, constitui estratégia para maximizar os lucros. A indústria do entretenimento, sem dúvida, vem estimulando a produção de narrativas transmidiáticas, cujo processo de criação já prevê a circulação das obras em suportes diferentes, como o livro e a tela do cinema ou da televisão. (FIGUEIREDO, 2012, p.150).

Desta forma, é cada vez mais comum encontrar narrativas que perpassam diferentes mídias e é preciso reconhecer que as escolhas feitas nesse processo de expansão não são neutras, sendo necessário pensar nas consequências e implicações dessas mudanças.

Em uma adaptação fílmica é esperado que haja a subtração de personagens e episódios; o incômodo que fica com a adaptação cinematográfica da série *Harry Potter* é que justamente os elementos do conteúdo que possuem uma abordagem crítica não foram transferidos para os filmes. Ainda, os elfos domésticos foram descaracterizados de sua condição explorada e retratados de forma cômica, ingênua e dependente dos bruxos, o que corrobora mais com o discurso opressor de que eles não são sujeitos.

Bal (1999, p. 164), ao refletir sobre adaptações de livros em filmes, diz que "'[t]raduzir' um romance para um filme não é uma transposição um-a-um de elementos narrativos em imagens, mas um trabalho visual através de aspectos mais importantes do romance e seus significados." [tradução livre][19]. Assim, é possível

[19] No original: "'Translation' of a novel into film is not a one-to-one transposition of story elements into images, but a visual working-through of the novel's most important aspects and their meanings." (BAL, 1999, p. 164).

questionar se ao escreverem e produzirem as adaptações cinematográficas de *Harry Potter* o tema do racismo e da escravidão não foi considerado um aspecto relevante.

A escolha dos elementos que são significativos para a narrativa e, por isso, serão adaptados, não é um processo aleatório, mas segue o contexto social e político. Hutcheon (2011, p. 153), ao analisar o processo envolto na teoria da adaptação, afirma que:

> No ato de adaptar, as escolhas são feitas, como visto, com base em diversos fatores, incluindo convenções de gênero ou mídia, engajamento político e história pessoal e pública. As decisões são feitas num contexto criativo e interpretativo que é ideológico, social, histórico, cultural, pessoal e estético.

Desta forma, o processo de adaptação recebe interferência não apenas do indivíduo que adapta e do público-alvo a que ele se direciona, mas de toda instituição que investe na obra e, consequentemente, de sua ideologia política.

Considerando que os livros de Rowling incentivaram jovens a usar a narrativa mágica de *Harry Potter* como plataforma para um engajamento cívico real ao interpretar eventos do livro como alegorias da sociedade (sendo a discriminação dos elfos domésticos uma delas)[20], e tendo em mente que, pela perspectiva psicanalítica, as imagens de um filme tem duas vezes mais efeito na psique do telespectador (MARCUS, 1993), fica mais fácil compreender como a reprodução do discurso dos livros nos filmes seria “perigosa” para as instituições detentoras de poder. À vista disso, o tema do racismo e da escravidão, que colocaria em pauta toda a questão escravocrata, colonizadora e imperialista, é visto como um “tema menor” dentro de *Harry Potter* por não servir aos interesses da cultura dominante, sendo suprimido de toda e qualquer expansão da série para outras mídias.

Ainda, mesmo quando há uma apreciação sobre a situação do oprimido, ela se sujeitará ao regime dominante de representação, o que pode ser observado a cada aparição dos elfos domésticos nos filmes da série, em especial no que se refere a Monstro, em *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2007) e à morte de Dobby, em *Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 1* (2010, 2:09-2:10). Em ambos os momentos citados a percepção da cena é do ponto de vista dominante: Monstro é

---

[20] Um exemplo é a organização HP Alliance, que desde 2005 une fãs no mundo todo trabalhando por equidade, direitos humanos e letramento, possuindo comunidades em todos os continentes (duas estão localizadas no Brasil, em São Paulo). Disponível online em: http://www.thehpalliance.org/what_we_do. Último acesso em 01 de outubro de 2016 às 04h25.

representado como um elfo naturalmente mau por se relacionar com bruxos das trevas, não havendo qualquer menção à forma cruel como ele é tratado pelos bruxos considerados “bons”; e o enfoque da morte de Dobby é a benevolência de Harry por ser amigo de um elfo e não o altruísmo de Dobby ao se colocar em risco e dar a sua vida para salvar a de Potter.

Segundo Ashcroft (2007), alteridade refere-se à diversidade; porém, desde Descartes a imagem do “outro” é vista de forma reduzida pelo prisma da individualidade privilegiada. Todorov (2010a, p. 269-270), ao discutir o conceito de alteridade, afirma que há pelo menos três eixos:

> Primeiramente, um julgamento de valor (um plano axiológico): o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele, ou, como se dizia na época, me é igual ou me é inferior (pois, evidentemente, na maior parte do tempo, sou bom e tenho auto-estima...). Há, em segundo lugar, a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro (um plano praxiológico): adoto os valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem; entre a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um terceiro termo, que é a neutralidade, ou indiferença. Em terceiro lugar, conheço ou ignoro a identidade do outro (seria o plano epistêmico); aqui não há, evidentemente, nenhum absoluto, mas uma gradação infinita entre os estados de conhecimento inferiores e superiores.

Analisando a situação dos elfos domésticos considerando o texto-fonte e as adaptações cinematográficas da série *Harry Potter* é possível observar como há relações e afinidades entre os três eixos citados por Todorov (julgamento de valor, distanciamento e indiferença) e como a imagem do outro é feita pelo viés de uma ideologia racista e hierarquizadora, o que permite uma apreciação concreta da invisibilidade do outro.

À vista disso, a distinção entre abordagens de uma mesma narrativa em mídias distintas é uma oportunidade a mais para problematizar as escolhas feitas em detrimento de outras e a visão monocultural que os produtos de massa tendem a reproduzir, levando, assim, a uma consciência crítica. Linda Hutcheon (2011, p. 192) afirma que “[u]ma adaptação, assim como a obra adaptada, está sempre inserida em um contexto – um tempo e um espaço, uma sociedade e uma cultura; ela não existe num vazio.”. Como a sociedade britânica tem inegáveis raízes no colonialismo, sendo o preconceito racial parte do contexto social e político, os filmes da série *Harry Potter* servem como um meio de propagar e reafirmar a visão imperialista dominante.

Segundo Said (2002, p. 13), “[o] poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos”. Ao abordar o tema do racismo essa noção fica muito forte, pois é possível perceber como a cultura canônica, hierarquizante e excludente é usada para difundir padrões de comportamento ou de certo modelo civilizador:

> o principal componente da cultura européia é precisamente o que torna essa cultura hegemônica tanto na Europa quanto fora dela: a idéia de uma identidade européia como sendo superior em comparação com todos os povos e culturas não europeus. (SAID, 1990, p. 19).

Deste modo, para perpetuar a ideia hegemônica de que uma cultura é “superior” a outra, a diversidade cultural não é vista com relevância no processo de construção do indivíduo, podendo ser “descartado”: “Com seus produtos, a indústria cultural busca o reforço das normas sociais, repetidas até a exaustão e sem discussão. Em consequência, tem uma outra função: a de promover o conformismo, a alienação.” (ROJO, 2009, p. 112). E é o que ocorre com a supressão da diversidade e reafirmação do discurso da classe dominante nas adaptações fílmicas dos livros: essas narrativas legitimam a hierarquização, tiram o foco da diversidade e diferença e, consequentemente, da crítica social, e estabelecem, assim, a ordem.

Isso não significa que essas adaptações devam ser evitadas, pelo contrário: quando ocorre apenas a leitura do texto-fonte escrito por Rowling, encontra-se uma crítica perceptível ao racismo e à escravidão, mas ao fazer uma análise intersemiótica, englobando outras mídias, tem-se acesso à problemática da alteridade e à invisibilidade do outro sendo posta em prática.

Alfredo Bosi, em *Dialética da colonização* (1992), comenta que na modernidade são os meios de comunicação de massa que colonizarão, em escala planetária, imagens, opiniões e estereótipos, e isso já pode ser comprovado com os filmes da série *Harry Potter*. Em uma análise monomodal, envolvendo somente os livros, não é possível problematizar o discurso reproduzido nessas novas mídias, e o mesmo ocorre quando se tem contato apenas com as adaptações cinematográficas, que mostram o ponto de vista do topo da cadeia hierárquica, não abrindo espaço para o reconhecimento das diferenças e o questionamento quanto à hierarquização

social. Por isso o uso das multimodalidades torna-se imprescindível para um debate crítico efetivo.

NOX[21] (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

As cicatrizes podem vir a ser úteis. Tenho uma acima do joelho esquerdo
que é um mapa perfeito do metrô de Londres.

Harry Potter e a pedra filosofal, p. 18.

A fim de realizar uma apreciação intersemiótica da obra *Harry Potter* quanto ao racismo e à escravidão dos elfos domésticos, esta pesquisa focou-se em uma análise dos livros e filmes da série e nos discursos envoltos nesses para que a construção de significado ocorresse englobando as duas mídias como um todo, sem que houvesse qualquer valorização de uma em detrimento da outra.

Segundo Todorov (1986), o racismo consiste em um comportamento agressivo relacionado a diferenças físicas (que não se referem ao gênero), e sua reafirmação implícita ou explícita ao longo dos anos resultou não só na hierarquização entre indivíduos, mas em todo um discurso que continua perpetuando sua manutenção até os dias de hoje. Na série *Harry Potter*, o racismo é imposto de forma explícita pelos bruxos ao se relacionarem com outras criaturas mágicas; tratando-se dos elfos domésticos, é interessante notar que os abusos a esses seres são reproduzidos até por bruxos considerados “bons”, como Rony Weasley e Sirius Black, o que demonstra como a estruturação social é excludente e ninguém está isento de contribuir para a manutenção do preconceito.

Ao abordar a situação dos elfos domésticos, *Harry Potter* possibilita uma leitura crítica ao abrir espaço para discussões sobre preconceito e sua manutenção, identidade e diferença, e relações de poder. Como sociedade e cultura literária só podem ser compreendidas e estudadas em conjunto (SAID, 1990), a realidade dos elfos domésticos não questiona apenas a estruturação do mundo bruxo, mas problematiza o papel de cada indivíduo dentro da sua comunidade, levando o leitor a refletir sobre a sua posição de dominado/dominante, e fazendo com que a discussão

[21] *Nox* é o feitiço usado para apagar a luz na ponta da varinha, que é criada pelo feitiço *lumus* (ROWLING, 2000c).

saia do plano fictício e fantasioso e entre na esfera do real, expandindo o nível de leitura e interpretação do texto.

Mas em um mundo globalizado, as narrativas não se restringem apenas ao texto escrito, uma vez que diferentes mídias participam cada vez mais ativamente da vida dos indivíduos. Após um longo período de domínio dos livros no centro das comunicações, há agora um domínio da tela, o que resulta em uma reestruturação de poder: os filmes se tornaram mais acessíveis e acessados do que os livros e a narrativa que vendem se fixa mais na mente do público, e por isso há a necessidade cada vez mais urgente de debater o discurso perpetuado através dessas novas mídias.

Enquanto os livros da série *Harry Potter* contestam a hierarquização social e as relações de poder, apontando a importância dos discursos na manutenção destes, há a deliberada exclusão da situação escravocrata dos elfos domésticos nas adaptações fílmicas, o que demonstra o poder da cultura dominante em seu estado puro. Quando um elfo doméstico aparece na adaptação cinematográfica, ou ele é mostrado de forma cômica ou como um ser mau, o que ameniza o seu sofrimento e ofusca a situação escravista a que ele é sujeito; mais além, as cenas são produzidas de forma que haja sempre destaque da figura dos bruxos em relação aos elfos domésticos, fazendo com que, mesmo quando um elfo está presente, ele fique em segundo plano. Assim, a aparição dos elfos domésticos nos filmes se resume a perpetuar a visão da classe dominante, o que demonstra o silenciamento das vozes que almejam uma crítica cultural e social.

Mas como foi visto ao longo desta pesquisa, essas adaptações não devem ser evitadas, pois é através de uma análise intersemiótica, englobando livros e filmes, que têm-se as hierarquias de poder de forma concreta: enquanto no texto-fonte há toda uma problematização quanto à situação dos elfos domésticos e à manutenção do preconceito por parte dos bruxos, é nas adaptações fílmicas que se observa a exclusão deliberada desses seres e de todo o questionamento proposto por Rowling. Logo, a invisibilidade criticada nos livros através da personagem Hermione Granger é posta em prática nos filmes.

A situação dos elfos é apresentada na narrativa de *Harry Potter* como uma verdade imutável; porém, se as instituições de ensino passarem a ver o multiculturalismo como essencial na construção do sujeito pensante, focando-se nas relações de poder e nos discursos que validam e auxiliam na manutenção do

preconceito, há a possibilidade de formar indivíduos muito mais questionadores quanto a essas estruturações sociais pré-estabelecidas e cristalizadas. Mais além, uma análise multicultural pela perspectiva das multimodalidades amplia a discussão crítica no ambiente escolar.

Talvez o sucesso da série *Harry Potter* possa ser usado não só para instigar o prazer da leitura e escrita nos educandos (papel que lhe é constantemente atribuído em trabalhos acadêmicos), mas para abrir os olhos dos educadores a uma nova proposta de análise e de ensino: multimodal e multicultural.

ACCIO[22] REFERÊNCIAS

ALEIXO, C. R. L. **Racismo e resistência**: a memória em *Fruit of the Lemon* (1999), de Andrea Levy. 2011. 197 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Paraná. 2011.

AMORIN, E. C. **Leitores e leituras de *Harry Potter***: a recepção da série no meio virtual. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, 2009.

_____. **Harry Potter**: desmistificando o mito da mulher-bruxa. Curitiba: Appris, 2012.

APPIAH, K. A. Race. In: LENTRICCHIA, F. & MCLAUGHLIN, T. **Critical terms for literary study**. 2 ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1995. p. 274-287.

ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. **Post colonial studies**: the key concepts. 2 ed. London: Routledge, 2007.

BAL, M. Story: aspects. In: **Narratology:** introduction to the theory of narrative. 2 ed. University of Toronto Press, 1999. p. 78-174.

BARROS, J. **Transpondo sentidos em Harry Potter:** midiatização e narrativa transmidiática no portal Pottermore**.** 2014. 120 f. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

BEZERRA, D. N. **A reprogramação da saga Harry Potter:** leitura das enunciações mágicas do herói decadente. 2012. 115 f. Mestrado em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

BÍBLIA ONLINE. [https://www.bibliaonline.com.br/nvi/gn/9]. Último acesso em: 11 de julho de 2016.

BONNICI, T. O multiculturalismo e a literatura negra britânica no contexto multicultural. In: BONNICI, T. (org). **Multiculturalismo e diferença**: narrativas do sujeito na literatura negra britânica e em outras literaturas. Maringá, PR: EDUEM, 2011. p. 13-59.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

---

[22] *Accio* é o feitiço utilizado a fim de atrair um objeto para perto do bruxo (ROWLING, 2001a).

_____. **A Economia das Trocas Linguísticas**: o que falar quer dizer. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BRAH, A., **Cartographies of diaspora**: contesting identities. London and New York: Routledge, 1996.

CAMPBELL, John. **Superstitions of the Highlands & Islands of Scotland**: collected entirely from oral sources. Glasgow: James MacLehouse and Sons, 1900.

CAMPOS, R. R. **Harry Potter e a institucionalização de um fenômeno cultural convergente**. 2015. 86 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.

CANDIDO, A. [et al.]. **A Personagem de ficção**. 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CANEN, A. Multiculturalismo e alfabetização: algumas reflexões. **Contrapontos**, Itajaí, ano 2, n. 4, p. 53-67, jan./abr. 2002.

_____. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. **Comunicação & Política**, v. 25, n. 2, p. 91-107, 2007.

CARDOSO, C. F. S. **O trabalho na América Latina colonial**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Trabalho compulsório na antiguidade**: ensaio introdutório e coletânea de fontes primárias. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

CARVALHO, F. R. “Harry Potter” e a Literatura. **Ciclo de Estudos em Linguagem – CIEL**. Ponta Grossa: UEPG, 2015a. p. 232-240.

_____. “Harry Potter” na historicidade da literatura infanto-juvenil. **Revista Memento**. V. 6, n. 2. Três Corações: Minas Gerais, 2015b. p. 386-398.

_____. 'Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele!'. **Seminário de Estudos Literários e Literatura Contemporânea**. Cornélio Procópio: UENP, 2015c. p. 258-270.

_____. A invisibilidade dos elfos domésticos em “Harry Potter” como reflexo do racismo e da escravidão. **Seminário Nacional de Literatura, História e Memória**. Cascavel: UNIOESTE, 2015d.

_____. Quem é Severo Snape? **A Responsabilidade Social da Universidade com a Formação Inicial e Continuada de Professores**. Campo Mourão: UNESPAR, 2015e. p. 427-443.

CATTO, N. R. A relação entre o letramento multimodal e os multiletramentos na literatura contemporânea: alinhamentos e distanciamentos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 157-163, abr./jun. 2013.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CONDE, A. C. **A Tradução do Imaginário**: o complexo língua-cultura em Harry Potter e a Pedra Filosofal. 2005. 200 f. Mestrado em Letras. Universidade Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis, São Paulo, 2005.

COPE, B. & KALANTZIS, M. **Multiliteracies**: Literacy learning and the design of social futures. London: Routledge, 2005.

CRUZ, O. M. S. S. da. **Harry Potter and the Chamber of Secrets e sua Tradução para o Português do Brasil**: uma análise dos verbos de elocução, com base na lingüística sistêmica e nos estudos de corpora. 2003. 207 f. Mestrado em Estudos Lingüísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

DAVIDSON, B. **The search for Africa, History, Culture, Politics**. New York: Random House, 1994.

DIJK, T. A. (org). **Racismo e discurso na América Latina**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

DINIZ, T. F. N. **Literatura e cinema:** tradução, hipertextualidade, reciclagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

DIONISIO, A. P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Orgs.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIA, P. S. **The journey of the villain in the Harry Potter series:** an archetypal study of fantasy villains. 2008. 98 f. Mestrado em Estudos Literários. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FIGUEIREDO, E. **Construções de identidades pós-coloniais na literatura antilhana**. Niterói: EDUFF, 1998.

FIGUEIREDO, V. L. F. Entre o texto e a imagem: a literatura equilibrista. In: OLINTO, H. K. & SCHOLLHAMMER, K. E. (orgs). **Literatura e criatividade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 141-154.

FILHO, E. F. L. J. **Fãs no paradigma da midiatização**: Casos de dispositivos em torno de Harry Potter. 2014. 126 f. Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

FOSSATTI, C. L. **A Comunicação Cinematográfica**: Uma perspectiva moderna em Branca de Neve e pós-moderna em Harry Potter. 2005. 278 f. Mestrado em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HALL, S. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HENRIQUES, M. P. R. **De Horgwarts a Paraisópolis**: discurso e recepção da obra Harry Potter em um contexto de capitalismo periférico. 2015. 450 f. Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

HONNETH, A. **Visibilité et invisibilité**: Sur l'épistémologie de la ´reconnaissance. Revue du MAUSS, n° 23, 2004.

HP ALLIANCE. [http://www.thehpalliance.org/what_we_do]. Último acesso em 01 de Outubro de 2016 às 04h25.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Tradução Suzana L. de Alexandria. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JORDAN, W. D. First impressions. In: LES BLACK; SOLOMOS, J. **Theories of race and racism**. New York: Routledge, 2009.

KEIGHTLEY, T. **The fairy mythology**; illustrative of the romance and superstition of various countries. Vol 2. Londres: Whittaker, Treacher, and Co., 1833.

KRESS, G. **Literacy in the new media age**. Londres: Routledge, 2003.

KRESS, G. R. & Van LEEUWEN, T. **Reading Images:** a Grammar of Visual Design. Londres: Routledge, 1996.

_____. **Multimodal Discourse**: the modes and media of contemporary communication. London: Arnold, 2001.

LEAL, C. S. **Práticas de letramento em uma perspectiva multicultural**. 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em linguística aplicada**. vol. 49, no. 2, Campinas, July/Dec. 2010. Tradução de Clara Dornelles (UNIPAMPA/RS).

LIGNANI, A. M. O. **J.K. Rowling**: diálogo literário e cultural com Monteiro Lobato e Isabel Allende. 2007. 221 f. Doutorado em Estudos Literários. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MARCUS, M. J. Introduction: Literature and film: negotiating the terms. In: **Filmmaking by the book**: Italian cinema and literary adaptation. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1993.

MOURA, J. S. N. de. **Indo ao encontro da literatura:** uma proposta de trabalho com a série Harry Potter. 2011. 109 f. Mestrado em Linguística e Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

NAIDITCH, F. Literatura multicultural e diversidade na sala de aula. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 25-32, jan./abr. 2009.

NUNES, L. C. P. **What do you see?** Revaluation of Standards and the Harry Potter Saga. 2010. 116 f. Mestrado em Letras. Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, D. M. Gêneros multimodais e multiletramentos: novas práticas de leitura na sala de aula. **VI Fórum**. UFS, Itabaiana/SE. 2013. Disponível em: [http://200.17.141.110/forumidentidades/VIforum/textos/Texto_VI_Forum_19.pdf] Último acesso em 28 de agosto de 2016 às 03h48.

OLIVEIRA, R. C. **Caminhos da identidade**: Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

PEIXE, L. S. **Harry Potter e a Pedra da Narrativa**. 2009. 98 f. Mestrado em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PELISOLI, A. C. M. D. **Harry Potter:** um chamado ao leitor. 2006. 219 f. Mestrado em Linguística e Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

_____. **Do leitor invisível ao hiperleitor:** uma teoria a partir de Harry Potter. 2011. 263 f. Doutorado em Linguística e Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

PERES, J. C. A. B. **Leitura e consumo:** as outras mágicas de Harry Potter. 2009. 112 f. Mestrado em Estudos de Linguagens. Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2009.

PITTA, P. I. M. **A literatura infantil no contexto cultural da pós-modernidade**: o caso Harry Potter. 2006. 229 f. Doutorado em Linguística e Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

POTTERMORE. [https://www.pottermore.com/explore-the-story/house-elves]. Último acesso em 25 de maio de 2016 às 06h48.

POUILLION, J. **O tempo no romance**. Tradução de Heloysa Dantas Mota. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1974.

REIS, B. C. **Fanfiction de Harry Potter no Brasil**: o desenvolvimento da produção do gênero por autores brasileiros. 2015. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2015.

ROJO, R. Letramento(s) – Práticas de letramento em diferentes contextos. In: **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos. In: DE PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Orgs.) **Círculo de Bakhtin:** inter e intra discursividades. Vol. 4 da Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, no prelo.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.

_____. **Harry Potter e a câmara secreta**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.

_____. **Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.

_____. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001a.

_____. **Animais fantásticos & onde habitam**/ Newt Scamander. Edição especial com prefácio de Alvo Dumbledore. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001b.

_____. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. **Harry Potter e o enigma do Príncipe**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SAID, E. W. **Orientalismo:** o Oriente como invenção do Ocidente*.* Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Cultura e imperialismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

SANSEVERINO, G. G. **As representações do jornalismo na ficção de Harry Potter transmídia**: a função social e o ethos profissional. 2015. 212 f. Mestrado em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SANTOS, C. R. V. **A tradução da fala do personagem Hagrid para o português brasileiro e português europeu no livro Harry Potter e a Pedra Filosofal**: um estudo baseado em corpus. 2010. 134 f. Mestrado em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

_____. **Tradução de gírias em Harry Potter**: um estudo com base em corpus. 2014. 476 f. Doutorado em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SILVA, Camilla Almeida Cruzal da. **Tradição e Inovação**: uma análise da popularidade das fanfictions de Harry Potter. 2013. 91 f. Mestrado em Comunicação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, Luiza Tropia. **A formação do leitor literário:** um estudo de caso com leitores de Harry Potter. 2013. 192 f. Mestrado em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

STEINBERG, S. R. **Diversity and multiculturalism**: a reader. Nova Iorque, EUA: Peter Lang Publishing, 2009.

TARRICONE, K. **A literatura e a escola contemporânea**: uma análise desta instituição sob a ótica de jovens leitores de Harry Potter. 2003. 241 f. Mestrado em Educação (Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

THOMPSON, K. The dispersal of narrative: adaptations, sequels, serials, spin-offs, and sagas. In: **Storytelling in film and television**. Massachusetts: Harvard University Press, 2003.

TODOROV, T. “Race”, Writing, and Culture. In: JR, Henry Louis Gates (ed). **“Race”, Writing, and Difference**. Chicago: University of Chicago Press, 1986. p. 370-80.

_____. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

_____. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. 3 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010b.

VALIM, J. P. **Mito, Arte e Educação:** o imaginário em Harry Potter. 2014. 100 f. Mestrado em Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

VARGAS, M. L. B. **Slash**: a fan fiction homoerótica no fandom potteriano brasileiro. 2011. 183 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VIANA, L. P. **O imperativo do consumo na obra 'Harry Potter'**: o encontro da cultura da convergência e a juventude contemporânea. 2012. 131 f. Mestrado em Processos e Manifestações Culturais. Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2012.

***ACCIO* VÍDEOS**

HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL. [Filme-vídeo]. Produção de David Heyman, direção de Chris Columbus. Brasil, Warner Bros, 2001. 152 min. Cor. Som.

HARRY POTTER E A CÂMARA SECRETA. [Filme-vídeo]. Produção de David Heyman, direção de Chris Columbus. Brasil, Warner Bros, 2002. 161 min. Cor. Som.

HARRY POTTER E O PRISIONEIRO DE AZKABAN. [Filme-vídeo]. Produção de Chris Columbus, David Heyman e Mark Radcliffe, direção de Alfonso Cuarón. Brasil, Warner Bros, 2004. 142 min. Cor. Som.

HARRY POTTER E O CÁLICE DE FOGO. [Filme-vídeo]. Produção de David Heyman, direção de Mike Newell. Brasil, Warner Bros, 2005. 157 min. Cor. Som

HARRY POTTER E A ORDEM DA FÊNIX. [Filme-vídeo]. Produção de David Barron e David Heyman, direção de David Yates. Brasil, Warner Bros, 2007. 138 min. Cor. Som.

HARRY POTTER E O ENIGMA DO PRINCIPE. [Filme-vídeo]. Produção de David Barron e David Heyman, direção de David Yates. Brasil, Warner Bros, 2009. 153 min. Cor. Som.

HARRY POTTER E AS RELÍQUIAS DA MORTE: PARTE 1. [Filme-vídeo]. Produção de David Barron, David Heyman e J. K. Rowling, direção de David Yates. Brasil, Warner Bros, 2010. 146 min. Cor. Som.

HARRY POTTER E AS RELÍQUIAS DA MORTE: PARTE 2. [Filme-vídeo]. Produção de David Barron, David Heyman e J. K. Rowling, direção de David Yates. Brasil, Warner Bros, 2011. 130 min. Cor. Som.

PRIOR INCANTATO[23] (ANEXO)

[23] *Prior Incantato* é o feitiço que permite verificar os últimos feitiços lançados por uma varinha (ROWLING, 2001a).